

A propiciação pelos pecados de todo o mundo

Os cristãos gozam dos benefícios decorrentes da propiciação: o perdão dos pecados (Romanos 8:1), no entanto, essa benesse é concedida a qualquer que invocar ao Senhor, ou seja, a todo mundo.

A propiciação pelos pecados de todo o mundo

“E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1 João 2:2).

Introdução

O Dr. Arthur W. Pink fez um artigo intitulado ‘UMA EXPOSIÇÃO DE 1JOÃO 2.2’[\[1\]](#), onde há vazão a eterna disputa entre calvinistas e arminianistas sobre a redenção nos quesitos ‘eficácia’ e ‘extensão’.

Analisaremos de modo crítico o posicionamento do Dr. Pink, entretanto, isto não significa que dizer que os arminianistas estão corretos, pois ambos os sistemas doutrinários defendem que Deus, pela soberania ou presciência, predestinou alguns à salvação e o restante da humanidade à danação eterna.

O objetivo da análise deste artigo do Dr. Pink é expor o esforço e a parcialidade dos calvinistas em interpretar as Escrituras de modo a apoiar o seu núcleo doutrinário determinista e fatalista.

O mundo

Quanta controvérsia sobre o significado do substantivo grego κόσμος (cosmos)! O apóstolo amado falou acerca do universo, do cosmo, do mundo, de uma extensão

geográfica?

O evangelista Marcos também fez uso do termo κόσμος (cosmos) quando registrou a ordem de Cristo aos seus discípulos, que diz:

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.” (Marcos 16:15 -16).

Os evangelistas Mateus e Lucas não fizeram uso do termo κόσμος (cosmos) ao registrarem a mesma ordem:

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;” (Mateus 28:18 -19).

“E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos, e em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém.” (Lucas 24:46 -47).

Segundo o registrado pelo evangelista Marcos, Jesus estava preocupado com questões geográficas, como o novo continente que ainda não havia sido descoberto, extensão territorial das tribos aborígenes, de modo que, os discípulos, percorressem toda extensão do globo terrestre?

Quando o apóstolo Paulo registrou que o evangelho (a fé dos cristãos), estava sendo anunciada ‘em todo o mundo’, qual o significado do termo ‘mundo’? Extensão territorial? Globo terrestre?

“Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé.” (Romanos 1:8).

Qual a definição de mundo na declaração do apóstolo Paulo aos cristãos de Colossos?

“Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro.” (Colossenses 1:23);

“Por causa da esperança que vos está reservada nos céus, da qual já antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que já chegou a vós, como também está em todo o mundo; e já vai frutificando, como também entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade;” (Colossenses 1:5 -6).

Quando o evangelista João registra a declaração mais conhecida de Jesus acerca do [amor de Deus](#), qual o significado do termo ‘mundo’:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” (João 3:16 -17).

Percebe-se através dos textos citados e do conhecimento que hoje dispomos acerca do planeta terra, que a abordagem de Jesus e dos discípulos à época, com o termo ‘mundo’, não visava o globo terrestre como extensão territorial, fauna, bioma, biodiversidade, etc.

O termo ‘mundo’ foi utilizado para evidenciar a universalidade da mensagem do evangelho, e que não há impedimento algum quanto a anuncia-lo a qualquer etnia, língua, povo, tribo ou nação: a todos os homens, sem exceção, deve-se anunciar a verdade do evangelho.

A ordem: ‘Ide por todo o mundo’ tem em vista excluir qualquer tipo de aceção de pessoas quando do anuncio do evangelho, ou seja, pregar o evangelho a toda criatura.

Quando o apóstolo Paulo diz aos cristãos em Roma que ‘em todo o mundo’ ou que ‘a toda criatura que há debaixo do céu’ a mensagem do evangelho era anunciada, a expressão ‘todo mundo’ e ‘toda criatura’ não se refere, respectivamente, à extensão territorial ou a todos os indivíduos que existiam à época, antes que, quanto ao anuncio do evangelho, não estava ocorrendo aceção de pessoas.

Quando é dito que ‘Deus amou o mundo’, certo é que Deus amou a todos os homens sem qualquer distinção de etnia, povo, nação, língua, etc.

O termo κόσμος (cosmos) nas mensagens da nova aliança serve para indicar que a mensagem do evangelho derruba as barreiras das divisões sociais, culturais,

étnicas, línguas, povos, nações, etc.

Entretanto, a definição de 'mundo' adotado por Pink segue outra perspectiva:

“Em sexto lugar, nossa definição de “todo o mundo” está em perfeito acordo com outras passagens do Novo Testamento. Por exemplo: “da qual já antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, que já chegou a vós, como também está em todo o mundo; e já vai frutificando, como também entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade” (Colossenses 1:5-6). Será que “todo o mundo” aqui significa, absoluta e deliberadamente toda a humanidade? Havia toda a família humana ouvido o Evangelho? Não. O significado óbvio do apóstolo é que o Evangelho, em vez de ser estar confinado apenas à terra da Judéia, havia ido para o exterior, sem restrições, para as terras dos gentios. Assim como em Romanos 1:8: “Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé”. O apóstolo está aqui se referindo à fé daqueles santos Romanos sendo anunciada em uma forma de elogio. Mas certamente toda humanidade não havia falado da fé deles! Era todo o mundo dos crentes que ele estava se referindo! Em Apocalipse 12:9 lemos de Satanás “que engana todo o mundo”. Mas novamente esta expressão não pode ser entendida como sendo universal, porque Mateus 24:24 nos diz que Satanás não tem conseguido e não pode “enganar” os eleitos de Deus. Esta passagem de apocalipse refere-se a “todo o mundo” dos incrédulos.” (Idem).

Ao analisar Colossenses 1, versos 5 à 6, o Dr. Pink confere ao termo 'mundo' a conotação de extensão geográfica ao dizer 'confinado à terra da Judeia', 'exterior', 'terras dos gentios', enquanto o apóstolo demonstra que a palavra da verdade, que já havia chegado aos cristãos de Colossos, também estava entre outros povos, de outras línguas e etnias.

As restrições ao alcance do evangelho não está em questões geográficas, antes a barreira era cultural e religiosa. Está questão fica nítido no comportamento do apóstolo Pedro, que mesmo após pregar aos judeus fazendo uso de uma passagem do livro de Joel, que diz: **“E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne”** (Atos 2:17), teve que sofrer um arrebatamento de sentidos e ser instruído em uma visão.

Perto da hora sexta, o apóstolo Pedro sentiu fome, e, enquanto preparava o alimento, teve os seus sentidos arrebatado e viu o céu aberto, e um vaso que descia dos céus, como que amparado por um lençol atado pelas quatro pontas, repleto de animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu, quando lhe foi dada uma ordem: 'Levanta-te, Pedro, mata e come'.

O apóstolo relutou, dizendo: **“De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda.”** (Atos 10:14), quando foi instruído que não deveria fazer comum o que Deus havia purificado.

Através desta passagem fica nítido que o apóstolo Pedro, apesar da ordem de Jesus para ir a todas as gentes anunciar o evangelho, nem mesmo havia entrado na casa de um gentio, e somente após esse evento compreendeu que Deus não faz acepção de pessoas.

“E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é lícito a um homem judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo (...) E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; Mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo.” (Atos 10:28 e 34 -35).

Embora Jesus tenha ordenado que se anunciasse o evangelho a todos os povos, e o apóstolo ter citado o profeta Joel acerca do 'espírito' ser derramado sobre toda carne, tal verdade ainda não tinha sido 'digerida' pelo apóstolo. Para o apóstolo Pedro, até o evento do arrebatamento de sentidos, o evangelho deveria permanecer confinado aos judeus.

Quando Jesus disse 'ide por todo mundo', não estava enfatizando que seus discípulos deveriam percorrer territórios, antes que era imperativo anunciar o evangelho a todos os homens, sem qualquer distinção.

Em todo mundo é anunciada a vossa fé

Ao citar Romanos 1, verso 8, o Dr. Pink faz outra má leitura, mas que não se refere a questão 'mundo'. Observe:

“Romanos 1:8: “Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo,

acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé”. O apóstolo está aqui se referindo à fé daqueles santos Romanos sendo anunciada em uma forma de elogio. Mas certamente toda humanidade não havia falado da fé deles! Era todo o mundo dos crentes que ele estava se referindo!” (Idem).

A questão apresentada aos cristãos de Roma pelo apóstolo dos gentios não se refere à humanidade elogiando ou comentando acerca da fé dos cristãos, antes o motivo pelas graças apresentada pelo apóstolo se devia ao fato de a crença (fé) dos cristãos ser anunciada em todo o mundo.

Quando é dito ‘em todo mundo’, certo é que se refere a todas as gentes, povos. Mas, o motivo de ter sido dada graça a Deus pelos cristãos, é o fato de o evangelho (vossa fé) estar sendo anunciado aos povos.

Propiciação pecados de todo o mundo

A interpretação do Dr. Pink tem início com uma explanação do verso 1, do capítulo 2 de primeira João:

“Em primeiro lugar, o fato deste verso iniciar com “e” necessariamente liga-o com o que veio antes. Nós, portanto, apresentamos uma palavra literal para a tradução da palavra “mundo” de 1 João 2:1 da interlinear de Bagster: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e, se alguém pecar, um Paráclito temos com o Pai, Jesus Cristo (o) justo”. Assim, é visto que o apóstolo João está aqui escrevendo para e sobre os santos de Deus. Seu propósito imediato era duplo: primeiro, o de comunicar uma mensagem que iria distanciar os filhos de Deus da prática do pecado; segundo, fornecer conforto e segurança para aqueles que viessem a pecar, e, em consequência, serem abatidos e ficarem com medo de que isto fosse fatal. Ele, portanto, dá a conhecer a eles a disposição que Deus tem dado ao tipo de emergência desse tipo. Isto encontramos no final de v. 1 e ao longo do v. 2. O fundamento do conforto tem dois pontos: fazer com que o crente abatido e arrependido (1 João 1:9) tenha certeza de que, primeiro, ele tem um “Advogado junto ao Pai”; em segundo lugar, que este Advogado é “a propiciação pelos nossos pecados”. Agora, somente os crentes podem tomar conforto disto, porque somente eles

têm um “Advogado”, porque somente para eles que Cristo é a propiciação, como é provado pelo elo de Propiciação (“e”) com “o Advogado!” (Idem).

Como se está analisando uma carta, tudo o que está escrito tem vínculo com uma ideia anterior. Não é o fato de o verso iniciar com ‘e’ que o liga ao verso anterior, antes a ideia promovida pela epístola.

“MEUS filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.” (1 João 2:1 -2).

A carta foi endereçada aos filhos na fé do apóstolo Amado. O motivo pela qual o apóstolo redigiu a carta é objetivo: para que não pequeis! Mas, quais coisas escritas são obstes a pratica do pecado? O que devem observar para não pecar? O que foi dito no capítulo 1.

Para não pecarem, o evangelista enfatiza que ele teve contato pessoal com Cristo, inclusive, não só de ver e ouvir, mas de tocar o Verbo da vida (1 João 1:1); ele dá testemunho abertamente de que Cristo estava junto ao Pai e é a vida manifesta (1 João 1:2); o que foi visto e ouvido foi retransmitido aos cristãos, ou seja, nada foi omitido ou acrescentado, de modo que a comunhão no corpo de Cristo (apóstolos, Pai e Filho) se tornar efetiva (1 João 1:3).

Só com essas questões destacadas nos três primeiros versos, os cristãos não podiam errar em questões como Cristo ter vindo em carne, ser o Verbo que estava junto ao Pai no princípio e que é imprescindível ter comunhão com os irmãos, para se ter comunhão com o Pai e o Filho.

Nestes três primeiros versos fica evidente que, para estar em Deus é imprescindível permanecer no ensino dos apóstolos sem se demover, de modo que quem diz que crê em Deus, também tem que crer em Cristo, pois qualquer que negar que Jesus é o Cristo ou, que Ele não veio em carne, é o anticristo (1 João 2:22 -24).

O evangelista João também destaca a essência da mensagem de Cristo anunciada aos homens: ‘que Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma’ (1 João 1:5), de modo que alguém só pode estar em Deus e Deus nele se igualmente for luz, e não trevas.

Como saber se efetivamente é luz? Se efetivamente guarda o mandamento de Deus, que é crer que Jesus é o Cristo, já que quem guarda os seus mandamentos está em Deus e Deus nele.

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento. E aquele que guarda os seus mandamentos nele está, e ele nele. E nisto conhecemos que ele está em nós, pelo Espírito que nos tem dado.” (1 João 3:23 -24).

Devido a introdução de heresias no seio da comunidade cristã, alguns diziam ter comunhão com Deus, mas andavam em trevas, ou seja, não criam que Jesus é o Cristo ou que Ele veio em carne. Não crer em Cristo ou dizer que Ele não veio em carne é ser mentiroso, conseqüentemente, não pratica a verdade, não anda segundo o testemunho que o Pai deu acerca de seu Filho (1 João 1:6).

‘Andar na luz’ é praticar a verdade, crer que Jesus é o Cristo, pois Cristo é a verdade, o que promove comunhão uns com os outros, de modo que todo aquele que crê é purificado do pecado (1 João 1:7).

Mas, se alguém for recalcitrante contra a verdade de que é necessário a todos os homens andarem na luz para serem purificados do pecado sob o argumento de que ‘não tem pecado’, assim como os judeus que diziam que criam em Cristo alegaram que nunca foram escravos de ninguém (João 8:33), engana-se a si mesmo e não está na verdade (1 João 1:8).

A observação do verso 8: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós.”, não se aplica aos cristãos que o evangelista João escreveu, antes descreve o posicionamento dos judaizantes que, diante da verdade do evangelho, alegavam que tinham por Pai a Abraão, e que, portanto, julgavam que nunca serviram a ninguém (João 8:39; Mateus 3:9).

Os cristãos a quem o apóstolo amado havia enviado a carta, quando creram em Cristo como o Filho de Deus, tiveram que reconhecer que eram pecadores e foram purificados de seus pecados, conforme o verso 7. A condição do crente não é descrita no verso 8, e sim nos capítulos subsequentes: os que permanecem em Deus não peca (1 João 3:6 e 9).

Já quem se posiciona conforme o verso 8, é quem diz que crê somente em Deus, motivo pelo qual não reconhece que está no pecado, e rejeita o testemunho que

Deus deu acerca do seu Filho (1 João 5:9-10). Diz das mesmas pessoas descritas por Tiago, que diziam crer em Deus, mas que não executavam a sua obra: crer em Cristo (João 6:29; Tiago 1:25).

Daí o aviso:

“NÃO se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.”
(João 14:1).

Por má leitura dos versos 7 e 8 é que surgiu o sacramento da confissão na Igreja Católica, onde o pecador faz confissão dos seus pecados perante um sacerdote. Na verdade, quando o evangelista diz: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça. Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.”, instrui alguns dos seus leitores a deixarem de confiar na carne, ou seja, de que eram descendentes de Abraão e, que, portanto, não estavam sujeitos ao pecado.

Agora podemos compreender o motivo do alerta do verso 1 do capítulo dois da primeira epístola de João:

“MEUS filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.” (1 João 2:1).

O evangelista escreveu as orientações anteriores para que os seus filhinhos na fé não errassem questões essenciais ao evangelho. Ele utiliza o verbo ἁμαρτάνω[2] (hamartanó), termo descreve alguém em sujeição ao pecado, mas que também serve para descrever equívocos, erros de qualquer natureza, como os descritos pelo verbo πλα ναω[3] (planao).

As questões conceituais apresentadas pelo evangelista João tinha o condão de evitar que os cristãos errassem ou fossem induzidos ao erro, alerta semelhante aos emitidos por outros escritores do Novo Testamento.

“Não erreis, meus amados irmãos.” (Tiago 1:16);

“Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.” (Gálatas 6:7).

Mas, se alguém dentre os cristão pecasse seguindo alguma dissolução dos

enganadores, que considerasse que Jesus é Advogado junto a Deus. Por exemplo: se alguém até a chegada da carta tivesse acreditado na mentira de que Jesus não veio em carne, evidentemente cometeu um equívoco, um erro, contra a verdade. No entanto, depois de advertido, se o ouvinte se demovesse do erro, podia confiar em Jesus, que é Advogado junto ao Pai.

O 'e' do verso 2, do capítulo 2 da primeira epístola de João, tem a função de evidenciar que a atribuição de Jesus junto ao Pai: advogado, decorrente do fato de Ele ser a propiciação pelos pecados dos que creem (nossos pecado).

No entanto, o apóstolo evidencia que Cristo não é propiciação somente para os cristãos, mas que é propiciação pelos pecados do mundo todo! O que João destaca com essa asserção é que essa benesse está ao alcance dos homens de qualquer tribo, nação, povo, língua, etc., tendo em vista que todo aquele que invocar o Senhor será salvo (Romanos 10:13).

Certo é que os cristãos gozam dos benefícios decorrentes da propiciação: o perdão dos pecados (Romanos 8:1), no entanto, essa benesse é concedida a qualquer que invocar ao Senhor, ou seja, a todo mundo.

Ao dizer: *'porque somente para eles que Cristo é a propiciação'*, o Dr. Pink flagrantemente contradiz o apóstolo João para tentar dar sustentabilidade à doutrina calvinista da predestinação, restringindo assim o alcance da propiciação:

"Em segundo lugar, se outras passagens no Novo Testamento que falam de "propiciação" forem comparadas com 1 João 2:2, será descoberto que ela é estritamente limitada em seu alcance. Por exemplo, em Romanos 3:25 lemos que Deus apresentou Cristo "como propiciação, mediante a fé em Seu sangue". Se Cristo é a propiciação "pela fé", então Ele não é uma "propiciação" para aqueles que não têm fé! Novamente, em Hebreus 2:17 lemos: "Para fazer propiciação pelos pecados do povo" (Hebreus 2:17)." (Idem).

Não há qualquer ideia de limitação na propiciação de Cristo no verso citado da epístola aos Hebreus, antes que se estende ao 'povo':

"Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo" (Hebreus 2:17).

Outro equívoco evidente há na leitura que o Dr. Pink faz do verso 25 de Romanos 3, por duas questões. Primeiro ele não destaca o conteúdo dos versículos anteriores, acerca da justiça de Deus manifesta (Romanos 3:21), que alcança a todos os que creem (Romanos 3:22), vez que todos os homens pecaram (Romanos 3:23), e todos indistintamente, quer sejam judeus ou gentios, são justificados pela redenção que há em Cristo.

Segundo, o texto propõe que a redenção não se limita às questões de povos, tribos e línguas (Romanos 3:29), vez que tem por alvo todos que pecaram e destituídos estão da glória de Deus. Como a redenção se dá pela propiciação pela fé no sangue de Cristo, não há barreira quanto a povos, tribos ou línguas, diferente das questões impostas na Antiga Aliança, vez que os membros de outros povos tinham que se tornarem prosélitos.

A propiciação pela fé é garantia de que todos que estão no pecado, não importando se judeus ou gentios, têm acesso à graça de Deus. Pink, por sua vez, entende que se é 'pela fé', que a propiciação é limitada, isto em função da doutrina que professa acerca de uma graça irresistível.

A asserção: *“Se Cristo é a propiciação “pela fé”, então Ele não é uma “propiciação” para aqueles que não têm fé!”*, contraria a exposição do evangelista João, vez que o fato de a propiciação ser alcançada pela fé em Cristo, não depõe contra o fato de que Cristo é a propiciação pelos pecados de todo o mundo.

“E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1 João 2:2).

É evidente que o apóstolo João, assim como o apóstolo Pedro e Tiago escreveram a cristãos convertidos dentre os judeus. E quando o evangelista João diz: *“Ele é a propiciação pelos nossos pecados”*, se considerar o público alvo da carta, escreveu a judeus convertidos.

Mas, dizer que era impossível ao apóstolo Paulo começar uma carta aos moldes da carta do evangelista João é disparates sem proporção. Veja o que Pink diz:

“Na abertura do verso ele fala de Cristo, “o qual vimos com os nossos olhos.... e as nossas mãos apalparam”. Quão impossível seria para o Apóstolo Paulo ter iniciado qualquer uma de suas epístolas aos santos gentios com tal linguagem!” (Idem).

Em todas as epístolas o apóstolo Paulo faz confissão, como por exemplo:

“PAULO, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus. O qual antes prometeu pelos seus profetas nas santas escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Romanos 1:1 -4).

Embora não tenha dito que tocou o Cristo, o apóstolo Paulo destaca o fato de que muitos conheceram a Cristo segundo a carne, mas que agora já não se conhece a Cristo deste modo:

“Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos deste modo.” (2 Coríntios 5:16).

Mas o ponto significativo da asserção: “... e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1 João 2:2), é evidenciar que os cristãos judeus não eram privilegiados em relação aos demais homens de outros povos, tribos e línguas.

A conclusão do Dr. Pink resta equivocada:

“Os ‘muitos anticristos’ sobre quem João declara ‘saíram de nós’, eram todos judeus, pois, durante o primeiro século ninguém senão um judeu apresentou-se como o Messias. Portanto, quando João diz: ‘Ele é a propiciação pelos nossos pecados’ ele só pode ter se referido aos pecados dos crentes judeus. (...) Em quarto lugar, quando João acrescentou: ‘E não somente pelos nossos, mas também pelo mundo inteiro’, ele anuncia que Cristo foi a propiciação pelos pecados dos crentes gentios também, pois, como demonstrado anteriormente, ‘o mundo’ é um termo contrastado com Israel.” (Idem).

É tergiversar alegar que ‘E não somente pelos nossos, mas também pelo mundo inteiro’ diz dos cristãos convertidos dentre os gentios. Principalmente quando define o termo ‘mundo’ como contrastado com Israel ao apontar os versos 51 e 52, do capítulo 11, do evangelho de João, como ‘uma passagem estritamente paralela’. Comparemos:

“E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1 João 2:2);

“E Caifás, um deles que era sumo sacerdote naquele ano, lhes disse: Vós nada sabeis, nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação. Ora ele não disse isto de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação. E não somente pela nação, mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos.” (João 11:49 -52).

Enquanto o pronunciamento do evangelista João aos cristãos convertidos dentre os judeus evidencia que eles não eram melhores que os gentios, vez que Cristo é a propiciação pelos pecados do mundo todo, a profecia de Caifás destaca que era melhor um homem só morrer em benefício do povo[4], ou seja, dos judeus, evitando-se que a nação[5] toda fosse destruída.

O evangelista João demonstra, ao interpretar a profecia de Caifás, que a troca dos termos λαος (laos) por εθνος (ethnos) evidencia o sentido profético das palavras, vez que o termo grego εθνος (ethnos) correspondia ideia de povos, gentios.

O Dr. Pink parece desconhecer o ‘paralelismo’, recurso próprio às poesias hebraicas, na qual a segunda linha geralmente repete a ideia dum trecho da primeira linha, mas em palavras diferentes, quando rotula a forma de escrita do evangelista João de tautológica ociosa:

“Em quinto lugar, a interpretação acima é confirmada pelo fato de que nenhuma outra é consistente ou inteligível. Se o “todo o mundo” significa toda a raça humana, então a primeira cláusula e o “também” na segunda cláusula são absolutamente sem sentido. Se Cristo é a propiciação por todos, seria uma tautologia (redundância) ociosa dizer, primeiro, “Ele é a propiciação pelos nossos pecados e também por todos”. Não deve haver “também” se Ele é a propiciação por toda a família humana. Tivesse o apóstolo o intuito de afirmar que Cristo é a propiciação universal, ele teria omitido a primeira cláusula do v. 2, e simplesmente dito: “Ele é a propiciação pelos pecados do mundo inteiro”. Confirmando com “não pelos nossos (crentes judeus) somente, mas também pelo mundo inteiro — crentes gentios, também; compare João 10:16; 17:20.” (Idem).

‘Deus é luz’, portanto, dizer que ‘que nele não há trevas nenhuma’ poderia ser

redundância, mas não é. Estamos diante de uma trava lógica, de modo que os elementos das proposições devem ser considerados em função do outro de modo a evitar qualquer tipo de desvirtuamento.

João não disse: *“Ele é a propiciação pelos nossos pecados”*, antes disse: *“E ele é a propiciação pelos nossos pecados...”*. Não podemos esquecer a importância do ‘e’ que introduz a asserção, como fez o Dr. Pink.

Ao dizer: *“E ele é a propiciação dos nossos pecados”*, destacando *‘e não somente pelos nossos’*, além de consistente a exposição, torna plenamente inteligível a ideia de que os gentios não foram preteridos em relação à graça de Deus.

O Dr. Pink levanta questionamento em desfavor do texto como se os seus argumentos possuíssem peso, e não as Escrituras. O questionamento: *‘que segurança temos de que os crentes também não estejam perdidos’*, se o termo κόσμος significa ‘toda a raça humana’, não leva em conta a fidelidade de Deus. Observe:

“Em sétimo lugar, insistir que “todo o mundo” em 1 João 2:2 significa toda a raça humana é minar os próprios fundamentos da nossa fé. Se Cristo é a propiciação para aqueles que estão perdidos tanto quanto para aqueles que são salvos, então que segurança temos de que os crentes também não estejam perdidos? Se Cristo é a propiciação para aqueles que estão agora no inferno, que garantia há que eu mesmo não possa terminar no inferno? O derramamento de sangue do Filho de Deus encarnado é a única coisa que pode livrar qualquer um do inferno e se muitos pelos quais este precioso sangue fez propiciação estão agora no terrível lugar dos condenados, então pode ser que este sangue se prove ineficaz para mim! Fora com um pensamento tão desonroso para com Deus.” (Idem).

O que é desonroso para Deus é honrar aquele que não O honra, ou ter misericórdia de quem não O ama.

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão desprezados.” (1 Samuel 2:30).

A fidelidade de Deus é que garante salvação para toda a raça humana, ainda que

muitos por quem Cristo morreu, se perdem por não crer no enviado de Deus.

Ao anunciar o evangelho do Dr. Pink, o evangelista deveria ter o cuidado de dizer:
- *“Cristo não morreu por você, mas se você aceitar o fato de que Ele não morreu por você e Deus o despertar para crer, aí Ele morreu por você”*.

Se cremos em Cristo, morremos com Ele e ressurgimos com Ele para a glória de Deus Pai (Colossenses 3:1). Se padecermos as aflições como bom soldado de Cristo, certo é que com Ele reinaremos. Mas, se demovermos da esperança proposta no evangelho, certo é que Cristo nos negará. Se formos infiéis, Ele permanece fiel!

“Palavra fiel é esta: que, se morrermos com ele, também com ele viveremos; Se sofrermos, também com ele reinaremos; se o negarmos, também ele nos negará; Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo.”
(2 Timóteo 2:11 -13).

A imutabilidade de Deus é firme consolação, de modo que se faz necessário reter a esperança proposta.

“Para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta;” (Hebreus 6:18).

Por fim, as Escrituras ensina que Cristo morreu por toda a raça humana, vez que Deus amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito. Entretanto, se faz necessário destacar que, por mais que a passagem de primeira João 2, verso 2, pareça favorecer a visão Arminiana sobre a Expição, segue-se que tanto as visões Calvinistas e Arminianistas estão equivocadas ao considerarem que Deus destinou alguns homens à salvação, e o restante a danação eterna.

[1] Artigo disponível na Web: <
http://oestandartedecristo.com/data/UmExposiC_Ceode1JoCeo2.2ApCondiceIVASoberaniadeDeusporA.W.Pink.pdf > Acessado em 19/02/2018. Fonte: The Sovereignty of God: Appendix IV - 1 John 2:2, tradução de Timóteo Werner.

[2] “264 αμα ρτ ανω hamartano talvez de 1 (como partícula negativa) e a raiz de 3313; TDNT - 1:267,44; v 1) não ter parte em 2) errar o alvo 3) errar, estar errado 4) errar ou desviar-se do caminho da retidão e honra, fazer ou andar no erro 5) desviar-se da lei de Deus, violar a lei de Deus, pecado” Dicionário Bíblico Strong.

[3] “4105 πλα ναω planao de 4106; TDNT - 6:228,857; v 1) fazer algo ou alguém se desviar, desviar do caminho reto 1a) perder-se, vagar, perambular 2) metáf. 2a) desencaminhar da verdade, conduzir ao erro, enganar 2b) ser induzido ao erro 2c) ser desviado do caminho de virtude, perder-se, pecar 2d) desviar-se ou afastar-se da verdade 2d1) de heréticos 2e) ser conduzido ao erro e pecado” Dicionário Bíblico Strong.

[4] “2992 λαο ς laos aparentemente, palavra primária; TDNT - 4:29,499; n m 1) povo, grupo de pessoas, tribo, nação, todos aqueles que são da mesma origem e língua 2) de uma grande parte da população reunida em algum lugar Sinônimos ver verbete 5832 e 5927” Dicionário Bíblico Strong.

[5] “1484 εθν ος ethnos provavelmente de 1486; TDNT - 2:364,201; n n 1) multidão (seja de homens ou de animais) associados ou vivendo em conjunto 1a) companhia, tropa, multidão 2) multidão de indivíduos da mesma natureza ou gênero 2a) a família humana 3) tribo, nação, grupo de pessoas 4) no AT, nações estrangeiras que não adoravam o Deus verdadeiro, pagãos, gentis 5) Paulo usa o termo para cristãos gentis Sinônimos ver verbete 5927” Dicionário Bíblico Strong.

A presciência é ato e atributo de Deus?

O substantivo προγνωσις (prognosis) traduzido por ‘presciência’ quando utilizado pelo apóstolo Pedro não está associado à ideia de predestinação ou pré-ordenação.

A presciência é ato e atributo de Deus?

“Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja?” (Jeremias 23:24).

Introdução

O pastor batista Claude Duvall Cole, no artigo ‘A Presciência de Deus’, afirma que a presciência é atributo e um ato divino. Para chegar a essa conclusão, ele cita sete versículos na Bíblia que contém o termo ‘presciência’.

O Pr. Arthur W. Pink, no livro ‘Atributos de Deus’[\[1\]](#), ao falar da onisciência, apresenta Deus conhecedor de todas as coisas, do passado, do presente e do futuro, mas, também, faz alusão à presciência de Deus.

Analisaremos o artigo do Pr. C. D. Cole e faremos algumas alusões à exposição do Pr. Pink.

Vejamos:

“Porque os que dantes conheceu, também, os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho” (Romanos 8:29);

“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu” (Romanos 11:2);

“Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão” (2 Pedro 3:17);

“Sabendo de mim desde o princípio” (Atos 26:5);

“O qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda, antes da fundação do mundo” (1 Pedro 1:20).

“A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus” (Atos 2:23);

“Eleitos segundo a presciência de Deus Pai” (1 Pedro 1:2).

Vale destacar que, dos sete versículos acima, cinco vezes o termo presciência

aparece na forma verbal e duas vezes, na forma substantivada. O verbo προγινώσκω (proginóskó) aparece em Romanos 8:29, Romanos 11:2, Atos 26:5, 2 Pedro 3:17, 1 Pedro 1:20 e a forma substantivada πρόγνωσις, εως, ή (prognósis em) aparece em Atos 2:23 e 1 Pedro 1:2.

O comentário que o Pr. Cole faz acerca do uso de certos termos na Bíblia é válido, porém, a aplicação prática que faz do seu argumento, com relação ao ter 'presciência' é falha.

“É bom que lembremos que o significado de certos termos bíblicos não é determinado pelo uso popular de nossos dias, nem pela referência de dicionários modernos, mas, pelos seus usos nas Escrituras. Somos aptos a pensar que conhecemos certa palavra e deixamos de verificar tal palavra pelo uso de uma concordância.” C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus. Artigo disponível em: < <http://palavraprudente.com.br/biblia/definicao-de-doutrina-volume-1/capitulo-11-a-presciencia-de-deus/> >, consulta realizada em 13/02/18.

O que determina o significado de um termo, quando utilizado pelos apóstolos é o contexto no qual foi utilizado e nessa tarefa de descobrir o significado de um termo, uma concordância bíblica não traz uma ajuda confiável.

Presciência como atributo

“Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o SENHOR. Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o SENHOR” (Jeremias 23:24).

O Pr. Cole afirma que, após muito estudo, concluiu que a presciência é, tanto atributo, quanto um ato de Deus. Seria muito bom se este estudo fosse inserido aqui, pois poderíamos analisar passo a passo como ele chegou a essa conclusão.

Quando dizemos que Deus é onisciente, significa dizer que Ele é conhecedor, em profundidade, de tudo o que é pertinente ao mundo dos homens, tais como os eventos reais, fenômenos, leis, pensamentos, imaginações, sonhos, possibilidades, probabilidades, etc., quer sejam do passado, do presente ou, do futuro.

Esse saber é, igualmente, pleno, com relação aos seres celestiais e os eventos que ocorrem na eternidade. Deus conhece plenamente todas as nuances de todos os seres, quer sejam humanos ou, celestiais, anjos ou, demônios. Nada escapa ao conhecimento de Deus, quer sejam as ações e omissões, intenções e desejos, sentimento e emoções, erros e acertos, etc.

Esse conhecimento não advém de pesquisa, intuição, raciocínio, pensamento, etc., antes, decorre de constatação presencial, pois Ele é igualmente onipresente e nada escapa à sua observação.

O conhecimento de Deus alcança tanto o macro, quanto o micro. Não há nada tão elevado ou, tão profundo que Ele não conheça igualmente e profundamente e, em ambos os aspectos, com a mesma facilidade e plenitude (Atos 17:28).

É em função da onisciência de Deus, que o escritor aos Hebreus disse:

“E não há criatura alguma encoberta diante dele: antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar” (Hebreus 4:13)

No Salmo 139, em espírito, Davi descreve a onisciência de Deus, através da perspectiva do Cristo:

“SENHOR, tu me sondaste e me conheces. Tu sabes o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento. Cercas o meu andar e o meu deitar; e conheces todos os meus caminhos. Não havendo, ainda, palavra alguma na minha língua, eis que logo, ó SENHOR, tudo conheces. Tu me cercaste por detrás e por diante e puseste sobre mim a tua mão. Tal ciência é, para mim, maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir. Para onde me irei do teu espírito ou, para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá tu estás; se fizer no inferno a minha cama, eis que tu ali estás, também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá” (Salmo 139:1-10).

No Salmo 110, temos o Senhor (Pai) dizendo ao Cristo, Senhor (Filho) do Salmista: “Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés” (Salmo 110:1) e no Salmo 139, temos o Senhor, Filho do salmista, orando ao Senhor (Pai).

Como nada há que escape à atenção de Deus, há quem fique perplexo por ter que,

um dia, prestar contas a Deus, por causa de todas as ações e omissões praticadas neste mundo. Entretanto, tal qual a plenitude do conhecimento que Deus detém de todas as coisas, Ele é, igualmente, justo e reto.

“Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, benignidade, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também, tu serás cortado” (Romanos 11:22).

Arthur W. Pink, ao falar da onisciência de Deus, acredita que, se o homem compreendesse o glorioso atributo da onisciência divina, conseqüentemente, se renderia a Deus em adoração. No entanto, não é a compreensão dos atributos de Deus que faz com que o homem se torne um adorador, porque somente através da palavra de Deus, revelada no Evangelho, é possível ao homem honrá-lo e adorá-lo.

O homem só honra a Deus quando obedece à sua palavra: crendo em Cristo e não quando reconhece os seus atributos. O homem só adora a Deus, em espírito e em verdade, ou seja, segundo a palavra de Deus revelada em Cristo, que é espírito e verdade. À parte da palavra de Deus, que se constitui mandamento de Deus aos homens, não há como o homem honrá-Lo, adorá-Lo ou amá-Lo.

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Êxodo 20:6).

Se fosse possível render-se em adoração somente compreendendo a onisciência de Deus, não seria necessário anunciar o evangelho, mas, sim, convencer as pessoas, acerca dos atributos de Deus. Ou melhor, bastaria convencer as pessoas da existência de Deus, enquanto que Cristo demonstra a inutilidade da crença em Deus, se não crer que Jesus é o Cristo.

“NÃO se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.” (João 14:1);

“Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.” (João 7:38);

“Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou.” (João 6:29);

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será

bem-aventurado no seu feito (...) Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem e estremecem.” (Tiago 1:25 e 2:19).

Os judeus criam em Deus, mas não quiseram realizar a sua obra, observar o mandamento que Deus deu acerca de seu Filho: crer no enviado de Deus e perseverar para ser bem-aventurado.

Muitos ficam maravilhados pelo fato de ser, igualmente, impossível a todos os seres criados por Deus se esconderem ou esconderem algo de Deus, até mesmo os pensamentos: “... quanto às coisas que vos sobem ao espírito, eu as conheço” (Ezequiel 11:5). Altura e profundidade, dia e noite, claridade e trevas, pensamento e sentimentos, etc., é o mesmo diante de Deus.

Deus viu o pecado de Adão e Eva. Também, contemplou Caim matar Abel. Deus viu quando Sara riu, ao ouvir do anjo, que geraria um filho, sendo que já estava em avançada idade. Acã não conseguiu esconder de Deus, que furtou uma cunha de ouro e escondeu na terra. Os segredos de Davi, que se deitou com Bate-Seba e assassinou Urias, não passaram despercebidos aos olhos de Deus. Em razão desses eventos não terem passado despercebidos por Deus, alguém pode presumir que, em função desse atributo divino, os homens deveriam temê-Lo.

Na verdade, os homens devem temer a Deus, porque com Ele está o perdão e não porque Ele pode punir: “Mas, contigo está o perdão, para que sejas temido” (Salmo 130:4). O sentido do termo ‘temor’, no versículo, é honrar, obedecer e não medo, como muitos interpretam. Os homens devem obedecer a Deus, ou seja, honrá-Lo, obedecê-Lo e não ficarem receosos, ao considerarem os seus atributos, pois a obediência lança fora o medo (1 João 4:18).

Essas considerações foram feitas por causa do que escreveu Arthur W. Pink, no Livro ‘Atributos de Deus’, ao afirmar que, se fosse possível, os homens alijariam Deus da sua onisciência, para não ser possível Deus testemunhar os pecados dos homens[2].

O pensamento de Pink decorre da ideia de que o julgamento da humanidade se dará em função dos erros de condutas diários e, por isso, a necessidade de Deus testemunhar todos os erros dos homens. Entretanto, em Adão a humanidade pecou, ou seja, ficou aquém da glória de Deus e todos já estão julgados e apenados com a morte, portanto, o juízo de Deus já foi estabelecido, independentemente das ações diárias dos homens. Os homens são pecadores pelo

fato de um só homem ofender a Deus e não porque cometem erros de condutas.

“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim, também, por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens, para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos” (Romanos 5:18-19).

A onisciência de Deus, quanto às boas e más ações dos homens, não é o que sujeita o homem à condenação, mas, sim, a ofensa de Adão. Por ser onisciente, Deus ‘vê’ até as intenções dos corações de todos os homens e esse conhecimento somente será utilizado em dois eventos:

1. a) no julgamento do Tribunal de Cristo, quando os salvos serão julgados, com relação às obras (2 Coríntios 5:10; 1 Coríntios 3:11-15), e;
2. b) no Tribunal do Grande Trono Branco, quando os homens perdidos serão julgados quanto às obras, mas, esses erros não são a causa da condenação (Apocalipse 20:12).

Os pressupostos do Dr. Pink: de que os homens odeiam a onisciência divina, bem como a prova que ele utiliza: ‘... *a inclinação da carne é inimizade contra Deus...*’ [3], ambas são equivocadas. Primeiro, porque as Escrituras não dependem dos anseios ou, do sentimento de ódio dos homens, para se revelar verdadeira. Segundo, porque o sentimento de ódio dos ímpios não é prova de que a inclinação da carne é inimizade contra Deus.

Ele não considerou que o termo ‘carne’, quando utilizado pelos apóstolos no Novo Testamento, dependendo do contexto, se refere à doutrina de homens, que impediu os filhos de Israel de se sujeitarem ao mandamento de Deus. Qualquer que segue mandamentos de homens está na carne e não no espírito (evangelho), por isso não pode agradar a Deus.

“Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou, pela pregação da fé? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” (Gálatas 3:2-3).

A pregação da fé refere-se ao espírito, enquanto que, retornar às obras da lei, é acabar na carne. Quem anda segundo o espírito, ou seja, segundo o evangelho, não está debaixo de nenhuma condenação, mas, para quem anda segundo a

carne, a condenação permanece.

“Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” (Romanos 8:4).

O apóstolo Paulo, por ser judeu, poderia andar segundo a carne, mas considerou tudo o que herdou de seus pais, segundo a carne, como esterco:

“Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito e nos gloriamos em Jesus Cristo e não confiamos na carne. Ainda que, também, podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho, reputei-o perda por Cristo.” (Filipenses 3:3-7).

Ao citar Oseias 7, verso 2 [4], o Dr. Pink o faz sem considerar o contexto. O texto não sugere que os ímpios querem banir Deus de seus pensamentos, antes que os religiosos judeus não consideram que Deus jamais se esqueceria das suas maldades. Na sequência, o erro se repete ao citar o Salmo 90, verso 8, pois, os que rejeitam a Cristo nem mesmo possuem condições de considerar o teor do verso em destaque e a abordagem de Moisés não trás a lume a onisciência de Deus, mas, sim, o fato de Deus retribuir como ira e furor os desvios dos filhos de Israel.

O Pr. Cole faz uma definição dos atributos de Deus, que, em essência, são aspectos da sua natureza e, por fim, conclui, após muito estudo, que a presciência é, tanto atributo, quanto ato de Deus [5]. Nesse sentido, o Pr. Cole afirma que, quando o termo ‘[presciência](#)’ é utilizado no sentido popular, significa o conhecimento de Deus de coisas antes de acontecerem.

Se esse sentido popular atribuído ao termo ‘presciência’ corresponde à verdade, ou seja, ‘o conhecimento de Deus de coisas antes de acontecerem’, tal concepção nada mais é do que um reducionismo da ideia contida no termo ‘onisciência’ [6]. Se há um nome específico para o conhecimento que Deus detém acerca de coisas futuras, teríamos que ter um termo popular para o conhecimento de Deus das coisas do presente e do passado.

Presciência é um ramo da ‘onisciência’? [7]

Mas, deste estudo, surgem algumas perguntas: qual foi o uso que os apóstolos fizeram do termo 'presciência'? Popular ou acadêmico? O apóstolo Paulo, ao fazer uso do grego *koine*, fez uso acadêmico ou popular? O apóstolo Pedro, auxiliado por Silvano, que fez uso do grego a dar inveja aos acadêmicos, fez uso do termo, considerando o seu sentido popular ou acadêmico?

Conhecer e propriedade

O Pr. Cole, ao falar da presciência, somente repete argumentos apresentados por outros calvinistas. Geralmente, apresentam algum outro doutor como autoridade, para validar ou dar autenticidade aos argumentos. Por exemplo:

“Quando presciência é usada como um ato divino, ela significa quase a mesma coisa que pré-ordenação. Deixamos novamente o Dr. Hodge falar: “Embora, a presciência de Deus, no sentido de pré-conhecimento seja assegurada no N. T., este não é o mesmo significado, quando usada para traduzir as palavras gregas “proginoskein” e “prognosis”. Estas palavras que, às vezes são traduzidas como pré-ordenação, significam muito mais que a mera presciência ou previsão intelectual. Ambas as formas, verbal e substantiva, aproximam-se da ideia de pré-ordenação e são intimamente ligadas às passagens onde se encontram”.” (Idem).

De tudo que foi dito acima pelo Pr. Cole e o Dr, Hodge, e que é aproveitável, é que os termos “proginoskein” e “prognosis” estão ‘intimamente ligadas às passagens onde se encontram’. Agora, dizer que ‘as formas, verbal e substantiva, aproximam-se da ideia de pré-ordenação’, decorre somente de má leitura.

Quando o Pr. Cole diz que, embora o termo ‘presciência’ não ocorra no Antigo Testamento, o termo ‘conhecer’ é encontrado diversas vezes. Ele afirma que o termo ‘conhecer’, no Antigo Testamento, significa, muitas vezes, amar ou escolher.

“Quando presciência se aplica aos acontecimentos, inclusive ‘à livre ação do homem, ela indica a previsão divina ou, o conhecimento de antemão. Quando referente às pessoas, ela tem sentido de favor, denotando não só uma mera ação da mente, mas uma afeição para com a pessoa em vista. A palavra presciência não se encontra no V. T., mas a palavra conhecer é encontrada,

muitas vezes, e significa, muitas vezes, amar ou, escolher.” (Idem).

É bem verdade que o termo ‘conhecer’ quando utilizado no Antigo Testamento ganha novos contornos, e, dependendo do contexto, ocorre uma ressignificação.

O que o Pr. Cole não observa é que o termo ‘conhecer’ ganha novos significados quando aplicado à relação marido e mulher ou, quando Deus recrimina a nação de Israel ou, em razão de uma missão específica atribuída a alguém, etc.

O termo ‘conhecer’ foi utilizado para descrever a relação sexual do casal Adão e Eva, especificamente, pelo fato de se tornarem um só corpo e uma só carne.

“E conheceu Caim à sua mulher e ela concebeu e deu à luz a Enoque; e ele edificou uma cidade e chamou o nome da cidade, conforme o nome de seu filho Enoque;” (Gênesis 4:17).

Porém, o mesmo termo foi utilizado para fazer referência ao momento que ambos descobriram que estavam nus.

“Então foram abertos os olhos de ambos e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira e fizeram para si aventais.” (Gênesis 3:7).

Através da estrutura que é própria às poesias hebraicas, o paralelismo, é possível compreender o sentido que o termo ‘conhecer’ é empregado. Observe:

“Um coração perverso se apartará de mim; não conhecerei o homem mau.” (Salmos 101:4).

O homem mau é aquele que possui um coração perverso, de modo que ‘estar apartado’ do Senhor é o mesmo que não ser conhecido d’Ele e o termo ‘conhecer’ não assume o valor de amar ou escolher, como afirma o Pr. Cole.

O termo ‘conhecer’, geralmente, é utilizado para descrever a relação de Deus com o povo de Israel e não a relação com indivíduos, em particular.

“OUVI esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades.” (Amos 3:1 -2).

Deus ‘conheceu’ o povo de Israel pelo fato de ser propriedade peculiar dentre

todos os povos!

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha.” (Êxodo 19:5).

Em função dos pais: Abraão, Isaque e Jacó, que os filhos de Israel, como povo, foi amado, no entanto, individualmente, Deus não se agradou da maioria deles, e, por isso, pereceram no deserto (1 Coríntios 10:5).

“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

Deus não se agradou da maioria dos filhos de Israel, antes se agradou dos pais (Abraão, Isaque e Jacó), e escolheu a descendência dos pais. Isto não significa que Deus amou alguém, em particular ou, que escolheu alguém, em particular.

A relação de Deus com alguém, em particular, sempre será condicional. Deus ama os que o amam, honra os que o honram e terá misericórdia dos que o obedecem:

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade, tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim, perpetuamente; porém, agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão desprezados.” (1 Samuel 2:30);

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6).

Com Abraão não foi diferente, pois, ele obedeceu a todos os mandamentos de Deus e, por isso, foi honrado, de modo que Deus prometeu que, em Abraão, seriam benditas todas as famílias da terra.

“Porquanto, Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis.” (Gênesis 26:5).

Quando lemos a passagem de Jeremias, que diz:

“Antes que te formasse no ventre te conheci e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta” (Jeremias 1:54).

O termo 'conhecer' denota 'propriedade', pois, foi para servir a Deus, como profeta, que Deus santificou a Jeremias, ou seja, o separou. 'Conhecer' tem relação com a missão que o profeta foi comissionado a desempenhar: 'às nações te dei por profeta', portanto, não denota afeição ou, escolha para a salvação.

"Porque todo o primogênito é meu; desde o dia em que tenho ferido a todo o primogênito na terra do Egito, santifiquei para mim todo o primogênito em Israel, desde o homem até ao animal: meus serão; Eu sou o SENHOR." (Números 3:13).

Um homem pode ser comissionado para uma missão 'conhecendo' a Deus ou, não ou, somente Deus pode 'conhecê-lo', ao empenhá-lo em uma missão, mas isso não significa que o comissionado para a missão específica está ou, será salvo. Um exemplo encontra-se na pessoa de Ciro, que desempenhou uma missão, mesmo ele não 'conhecendo' a Deus.

"Por amor de meu servo Jacó e de Israel, meu eleito, eu te chamei pelo teu nome, pus o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses. Eu sou o SENHOR e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças;" (Isaías 45:4-5).

É obvio que, nos versos abaixo, 'conhecer' não tem o sentido de saber, de ter ciência, mas, também, não significa 'afeição' ou, 'escolha'.

"OUVI esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades." (Amos 3:1-2).

Observe que Deus não está afeiçoado aos filhos de Israel, antes, os está repreendendo pelas iniquidades do povo. O termo 'conhecer' não é aplicado a um indivíduo, mas à nação como um todo. A nação Deus 'conhece' porque é sua propriedade peculiar, mas, os indivíduos não eram 'conhecidos' do Senhor, antes, alvos da punição divina. É dito que Deus 'conheceu' o povo, porém, esse 'conhecer' decorre do fato de Deus se afeiçoar aos pais, porque foram obedientes, de modo que Deus os preservou, por amor ao Seu nome: Deus fiel, em vista do juramento feito aos patriarcas.

"E sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu proceder para convosco, por

amor do meu nome; não conforme os vossos maus caminhos, nem conforme os vossos atos corruptos, ó casa de Israel, disse o Senhor DEUS.” (Ezequiel 20:44);

“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra. O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7:6-8);

“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

A citação que o Pr. Cole faz de Oséias pede uma explicação:

“PÕE a trombeta à tua boca. Ele virá como a águia contra a casa do SENHOR, porque transgrediram a minha aliança e se rebelaram contra a minha lei. E a mim clamarão: Deus meu! Nós, Israel, te conhecemos. Israel rejeitou o bem; o inimigo perseguiu-lo-á. Eles fizeram reis, mas não por mim; constituíram príncipes, mas eu não o soube; da sua prata e do seu ouro fizeram ídolos para si, para serem destruídos” (Oseias 8:1-4).

Deus declara que os filhos de Israel constituíram reis, mas não a mando de Deus. Constituíram príncipes, mas Deus não o soube! É possível Deus desconhecer algum evento, sendo onisciente? Não! O termo ‘saber’ foi utilizado para demonstrar que Deus não havia ordenado que constituíssem príncipes. Se clamavam: ‘Deus meu!’ e diziam que ‘conheciam’ ao Senhor, os filhos de Israel deveriam se sujeitar, como servos obedientes, porém, transgrediram a aliança e se rebelaram contra a lei.

Quando é dito que Deus ‘conhece’ o caminho dos justos, o termo não tem a conotação de amor e escolha, antes aponta para a instrução que Deus dá aos homens.

“Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos; porém, o caminho dos

ímpios perecerá.” (Salmos 1:6);

“Faze-me saber os teus caminhos, SENHOR; ensina-me as tuas veredas.” (Salmos 25:4).

O Pr. Cole afirma que, no Novo Testamento, o termo ‘conhecer’ ganha o mesmo sentido que no Antigo Testamento, que é ‘amor’ e ‘afeição’:

“E a palavra conhecer é também muitas vezes usada no N. T. no mesmo sentido. “E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci”. Mateus 7:23. Isto significa que Ele não os conheceu para a salvação. “Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e das minhas sou conhecido”. João 10:14. “Mas, se alguém ama a Deus, este é conhecido dele”. 1 Coríntios 8:3. E novamente, “O Senhor conhece os que são seus”. 2 Timóteo 2:19. Nestes versículos o conhecimento de Cristo é limitado aos salvos, e, portanto não pode significar uma mera associação, mas uma afeição. Deus conhece a todos, mas nem todos têm Sua afeição.” (Idem).

Quando for dito abertamente por Jesus: - *“Nunca vos conheci”* (Mateus 7:23), somente significa que Ele não os conheceu para a salvação? Os versículos seguintes citados pelo Pr. Cole responde a questão e lança luz ao significado do termo ‘conhecer’ no Novo Testamento.

Jesus, como o Bom Pastor, afirma que ‘conhece’ as suas ovelhas e das suas é ‘conhecido’, portanto, as pessoas que um dia ouvirão: ‘Nunca vos conheci’, significa que nunca pertenceram a Cristo como ovelhas (João 10:14).

Mas, como alguém passa a ser propriedade de Cristo como ovelha? Basta amar a Deus, pois quem ama a Deus é conhecido d’Ele, mas quem não ama, não é conhecido de Deus.

“Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor.” (1 João 4:8; 1 Coríntios 8:3)

O termo ‘conhecer’ tem o significado de ‘pertencer’, ‘ser propriedade’, portanto, diferente da ideia de ‘escolha’ ou ‘amor’. Isso porque, em momento algum o Pr. Cole observou que o termo ‘amor’ também sofre ressignificação no Novo Testamento, dependendo do contexto empregado e pode significar ‘mandamento’ ou ‘obediência’, quase nunca ‘afeição’ ou ‘escolha’.

“O Senhor conhece os que são seus.” (2 Timóteo 2:19).

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 João 5:3).

O amor que Deus requer dos homens que guardem os seus mandamentos, para que o homem possa ‘conhecer’ a Deus ou, antes, ser conhecido d’Ele. Qualquer que ama a Deus alcança misericórdia, de modo que o amor de Deus não está na tal ‘presciência’.

Diferentemente do que afirma o Pr. Cole, nesses versículos é dito que Cristo ‘conhece’ os salvos pelo fato de terem obedecido ao mandamento de Deus, portanto, se fizeram servos, tornando-se propriedade de Deus. O termo ‘conhecer’ não possuía a conotação de afeição quando em referência aos salvos, antes indica comunhão íntima, pois em obediência ao evangelho o homem se torna um só corpo com Cristo.

“Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado;” (2 Pedro 2:21);

“Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:9).

Deus não se afeioou dos salvos, antes lhes deu mandamento para que, obedecendo, se façam servos:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24).

“Nestes versículos o conhecimento de Cristo é limitado aos salvos, e, portanto não pode significar uma mera associação, mas uma afeição. Deus conhece a todos, mas nem todos têm Sua afeição.” (Idem).

Presciência e pré-ordenação

Após abordar o termo ‘conhecer’, torna-se estranha a colocação do Pr. Cole, pois

ele afirma que o termo 'presciência' significa 'conhecer com o intento de abençoar', isto com relação às pessoas:

“Agora, a “presciência das pessoas” significa pré-conhecer com propósito benigno. Significa conhecer com o intento de abençoar. A presciência de Deus de uma pessoa indica Seu favor a tal pessoa e Sua intenção de salvá-la. No fim, os pré-conhecidos serão glorificados, pois, Deus os salvou com tal propósito. O primeiro ato da benevolência de Deus para com os pecadores foi o de pré-conhecê-los. E tal presciência (historicamente) foi a base para todas as outras bênçãos subsequentes. “Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”. Romanos 8:29.” (Idem).

Ora, os termos 'conhecer', tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, podem indicar o favor de Deus para com um povo que Ele tomou por propriedade peculiar ou, para com um indivíduo que O obedece. Agora, ele enfatiza que a presciência de pessoas significa pré-conhecer com propósito benigno?

A abordagem seguinte faz menos sentido ainda, principalmente pelos versículos citados:

“Deus olhou para alguns pobres pecadores com favor gracioso e determinou fazê-los semelhantes a Seu Filho glorioso. E Ele não lança fora aos que predestinou. Romanos 11:2. Sobre este versículo Dr. A. T. Robertson fez estes comentários: “Deus escolheu um povo, o povo de Israel, por este motivo é que Ele não os lançava fora”.” (Idem).

Em vez de comentar o verso 2 de Romanos 11, o Pr. Cole se socorre da explicação de outra pessoa. O que diz Romanos 11, verso 2?

“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu. Ou, não sabeis o que a Escritura diz de Elias, como fala a Deus contra Israel, dizendo:” (Romanos 11:2).

Deus não lançou fora o povo de Israel pelo fato de tê-los escolhido? Esse motivo dado pelo Dr. A. T. Robertson é o que diz as Escrituras? Não! Deus não os rejeitou por amor do Seu próprio nome e para guardar a promessa que foi feita aos patriarcas.

“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra. O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7:6 -8);

“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

O verbo προγινώσκω (proginóskó) traduzido por ‘que antes conheceu’ em Romanos 11, verso 2, não tem o significado de ‘conhecer’ com um propósito benigno e nem com intento de abençoar indivíduos. O texto fala que Deus ‘conheceu’ o povo de Israel, não indivíduos em Israel.

O povo não foi rejeitado por causa do amor que Deus tem pelo Seu nome e por causa do juramento feito aos pais, no entanto, a maioria dos indivíduos em Israel foi prostrada no deserto, pois, mesmo sendo descendência de Abraão, não eram os seus filhos (Romanos 9:7; 1 Coríntios 10:5).

Vários indivíduos em Israel foram lançados fora, mesmo Deus tendo ‘pré-conhecido’ o seu povo. O verbo προγινώσκω (proginóskó) tem o sentido no verso de Deus ter tomado como propriedade peculiar um povo, não que o termo implica em um favor por uma pessoa ou a sua intenção de salvá-la.

Relacionar o uso do verbo προγινώσκω (proginóskó) no verso 2 de Romanos 11, com o verso 29, de Romanos 8, é desconsiderar os contextos em que os termos foram empregados, pois este trata de indivíduos que amam a Deus, e aquele de um povo em que os patriarcas amaram a Deus.

O segredo para ser ‘pré-conhecido’ está no verso 28: “Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus...”, isto em função do que diz o Salmo:

“Todas os caminhos do SENHOR são amorosos e fiéis para aqueles que guardam a sua aliança e os seus testemunhos.” (Salmo 25:10).

Amar é obedecer, honrar, guardar a aliança, seguir os testemunhos, etc., de modo que quem ama conhece a Deus, ou antes, é conhecido d'Ele:

“Mas, quando não conhecíeis a Deus, serviéis aos que por natureza não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:8-9).

“Aquele que não ama, não conhece a Deus; porque Deus é amor.” (1 João 4:8; 1 Coríntios 8:3)

Em Romanos 8, verso 29, o verbo προγινώσκω (proginóskó) não significa pré-conhecer pessoas com propósito benigno, antes indica que os predestinados são aqueles que amam a Deus, tornando-se então, conhecidos d'Ele. Sem conhecer a Deus ou, antes, sem ser conhecido d'Ele, jamais o indivíduo estará predestinado a ter a imagem de Cristo, portanto, não será um dos participantes do propósito que Deus estabeleceu em Seu Filho: a preeminência de Cristo em todas as coisas, a posição de primogênito entre muitos irmãos.

A ideia de que a benevolência de Deus para com os pecadores foi a de “pré-conhecê-los” destoa da verdade bíblica, vez que a benevolência do Senhor é demonstrada em seu mandamento:

“Tu, pois, converte-te a teu Deus; guarda a benevolência e o juízo e em teu Deus espera sempre.” (Oseias 12:6).

O relacionamento de Deus para com o homem é condicional sempre, pois Ele só faz misericórdia aos que o amam:

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6);

“Eu amo aos que me amam e os que cedo me buscarem, me acharão.” (Provérbios 8:17).

Moisés intercedeu pelo povo de Israel, querendo que Deus demonstrasse misericórdia quando pecaram, fazendo um bezerro de ouro. Mas, Deus reiterou que riscaria o nome do livro da vida somente de quem pecasse contra Ele, demonstrando que jamais riscaria o nome de Moisés ou, que perdoaria a transgressão do povo, de modo que essa verdade foi expressa em um trocadilho:

“Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer.” (Êxodo 33:19).

O que Deus reiterou a Moisés? Que, mesmo fazendo passar toda a Sua bondade diante de Moisés, uma coisa era certa: Deus terá misericórdia de quem o ama e se compadece de quem O obedece. A base para a bênção do Senhor está em sua benevolência, mas para alcançá-la, o homem tem que se sujeitar ao mandamento de Deus.

Até agora estávamos considerando o verbo grego προγινώσκω (proginóskó) e demonstramos que, para ser ‘conhecido’ de Deus, se faz necessário servi-lo em amor, ou seja, em obediência.

Mas, o Pr. Cole parece ter se esquecido da observação que fez no início do texto, que também há o substantivo πρόγνωσις (prognósis), traduzido por ‘presciência’ ou ‘pré-conhecer’, quando faz referência ao verso 2, da primeira carta de Pedro, capítulo 1:

“Aqueles a quem Deus escolheu antes da fundação do mundo, não serão abandonados no presente, nem no futuro. Estes são os “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo”. 1 Pedro 1:2. Nesse versículo, notamos que eleição é baseada na presciência de Deus Pai. Aqueles a quem o Pai olhou com favor gracioso foram eleitos à obediência da fé e para a aspersão do sangue de Cristo. E esta obediência resulta do poder santificador do Espírito Santo. O leitor deve notar que enquanto a eleição é para salvação, esta salvação não é sem a fé em Jesus Cristo. Os eleitos são justificados, mas a justificação é pela fé no sangue de Cristo. Romanos 5:1; 3:28; 4:5; etc.” (Idem).

O substantivo πρόγνωσις (prognósis), quando utilizado por Pedro não tem o mesmo sentido do verbo προγινώσκω (proginóskó), quando utilizado pelo apóstolo Paulo, visto que esse depende do homem amar a Deus para Deus conhecê-lo e aquele tem o sentido de ‘dar a conhecer de antemão’, ‘profecia’.

O apóstolo Pedro faz uso do substantivo πρόγνωσις (prognósis), com o mesmo sentido que fez em seu primeiro sermão diante dos judeus.

“Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos;” (Atos 2:22-23).

O substantivo πρόγνωσις (prognósis), quando utilizado pelo apóstolo Pedro, tem em vista o que foi predito pelos profetas nas Escrituras, como se lê:

“Para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas e do nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador.” (2 Pedro 3:2).

No texto de Atos, o substantivo προγνωσις (prognosis) tem o sentido de profecia, um conhecimento anunciado de antemão por Deus aos homens, conforme o próximo discurso do apóstolo Pedro:

“Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer (...) E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado (...) Sim, e todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também predisseram estes dias.” (Atos 3:18, 20 e 24);

“Para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer” (At 4:28).

Cristo Jesus foi entregue aos judeus, conforme a vontade de Deus (conselho) e essa vontade foi anunciada aos homens de antemão pelos profetas (Efésios 1:11; Hebreus 10:10).

O substantivo προγνωσις (prognosis), quando utilizado pelo apóstolo Pedro, em momento algum está associado à ideia de predestinação ou, de pré-ordenação, antes, ele faz referência ao conhecimento dado de antemão pelos profetas. É por intermédio do conhecimento anunciado de antemão por Deus, o espírito (palavra) de santificação, concedido para obediência e aspersion do sangue de Jesus Cristo, que os cristãos são eleitos.

O apóstolo Pedro evidencia que os cristãos são eleitos segundo o que Deus havia anunciado, através dos seus santos profetas, pois estava previsto que, com o seu

'conhecimento', o Cristo justificaria a muitos (Isaías 53:11). É através do espírito que estava sobre o Cristo (Isaías 11:1-2; Isaías 61:1; Isaías 42:1 e 7; Joel 2:28; Deuteronômio 32:2), a palavra de santificação (santificação do espírito), que os homens são limpos (João 6:63; João 15:3).

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:1-2).

Para ser agraciado com a santificação proporcionada pelo espírito, o homem precisa obedecer e só então alcançará a aspersão (purificação) do sangue de Cristo.

Ao fazer a leitura dos eventos relacionados à salvação, o Pr. Cole volta a analisar Romanos 8, verso 29, como se o apóstolo Pedro estivesse tratando dos mesmos conceitos:

“Para ser exato e crítico o autor crê que, ainda que presciência seja intimamente associada com a predestinação e pré-ordenação, ela tem um significado especial todo seu. A ordem divina em Romanos 8:29-30, é presciência, predestinação, chamado, justificação e glorificação. A ordem em 1 Pedro 1:2, é presciência, eleição e santificação. Portanto, os pré-conhecidos são eleitos, predestinados, chamados, justificados, santificados e glorificados. Desde que cada aspecto da salvação é pela graça, a presciência de Deus de pessoas é Seu interesse e amor tão gracioso pelos pecadores. E por causa deste Seu favor a eles, Deus os escolheu para a salvação, predestinou-os para adoção como filhos, chamou-os pela graça, justificou-os pela graça por meio da fé no sangue de Cristo, santificou-os pelo Espírito e os glorificará quando o Senhor vier. Que cada leitor, com toda diligência, certifique-se de seu chamado e eleição. 2 Pedro 1:10.” (Idem).

O Pr. Cole afirma que, para o homem ser salvo, esses eventos ocorrem na seguinte ordem: presciência, predestinação, chamado, justificação e glorificação. Mas, na verdade, a predestinação, na qual o homem que crê em Cristo se torna conforme a imagem de Cristo, é o último evento da salvação.

O homem é salvo porque amou a Deus, obedecendo ao seu mandamento de crer em Cristo, e, assim, conheceu a Deus ou, antes, foi conhecido d'Ele. Para se

tornar conhecido de Deus, se fez necessário o homem morrer com Cristo e ser ressuscitado com Ele, o que o apóstolo Paulo deu o nome de glorificação.

“E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros, também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.” (Romanos 8:17).

O Pr. Cole posiciona a santificação como último evento na salvação, porque pensa na redenção do corpo físico (Romanos 8:23), mas, se esquece de que o apóstolo Paulo estava tratando da glorificação quando o homem ressurgiu com Cristo (Colossenses 3:1).

Somente os que ressurgem com Cristo são justificados, de modo que, primeiro ocorre a glorificação, para depois ocorrer a justificação “O qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação.” (Romanos 4:25). Ao morrer com Cristo, o homem é justificado do pecado, ao ressurgir com Cristo é declarado justo.

Os justificados em Cristo Jesus são chamados ao propósito eterno que Deus estabeleceu em Cristo, que é fazê-lo proeminente, convergindo n’Ele todas as coisas. Na condição de chamado ao propósito, o crente em Cristo está predestinado a ter a imagem de Cristo, para que o propósito de Deus se efetive: a primogenitura de Cristo entre muitos irmãos.

“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes, também, chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou.” (Romanos 8:28 -30).

Os que amam a Deus são conhecidos d’Ele e chamados segundo o seu propósito, de modo que aqueles que amam a Deus serão conforme a imagem de Cristo, pois o propósito de Deus é que o Cristo seja primogênito entre muitos irmãos. De modo que, os que foram predestinados a serem conforme a imagem de Cristo, primeiro foram chamados ao propósito, isto quando amaram a Deus e foram conhecidos d’Ele.

Mas os chamados, os que amam a Deus, ou antes, foram conhecidos d'Ele, primeiro Deus os justificou, e antes de justificá-los fez com que ressuscitassem com Cristo, glorificando-os.

Já, a abordagem do apóstolo Pedro somente nomeia os cristãos de eleitos, condição que alcançaram segundo o anunciado de antemão pelos profetas (presciência), por isso foi anunciada a palavra que santifica, que se faz imprescindível obedecê-la para alcançar a aspersão do sangue de Cristo.

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:1-2).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] *“Cada um dos Seus gloriosos atributos deveria torná-lo honorável à nossa apreciação. A compreensão da Sua onisciência deveria inclinar-nos diante d'Ele em adoração.”* A. W. Pink, Os Atributos de Deus, A onisciência de Deus, editora PES, reimpressão 1990.

[2] *“Os homens despojariam a Deidade da Sua onisciência, se pudessem — prova de que ‘... a inclinação da carne é inimizade contra Deus...’ (Romanos 8:7). Os ímpios odeiam esta perfeição divina com a mesma naturalidade com que são compelidos a reconhecê-la. Gostariam que não houvesse nenhuma Testemunha dos seus pecados, nenhum Examinador dos seus corações, nenhum Juiz dos seus feitos” (Idem).*

[3] *“Os homens despojariam a Deidade da Sua onisciência, se pudessem — prova de que “... a inclinação da carne é inimizade contra Deus...” (Romanos 8:7).” (Idem)*

[4] *“Gostariam que não houvesse nenhuma Testemunha dos seus pecados, nenhum examinador dos seus corações, nenhum Juiz dos seus feitos. Procuram banir tal Deus dos seus pensamentos: “E não dizem no seu coração que eu me lembro de toda a sua maldade...” (Oséias 7:2).” (Idem).*

[5] *“O estudo do assunto em foco levantou a questão se a presciência deveria ou não ser classificada como um dos atributos divinos. Um atributo divino é uma qualidade pertencente à natureza de Deus, uma de Suas perfeições pessoais, algo que pertence intrinsecamente a Seu caráter ou natureza. Por exemplo, amor, misericórdia, graça, e sabedoria são qualidades de Deus e, portanto, são atributos. Nossa conclusão, após muito estudo, é que “presciência” é tanto um atributo quanto um ato de Deus. Quando a palavra é usada no sentido popular, ela se refere ao conhecimento de Deus de acontecimentos antes de acontecerem. Neste sentido, presciência é um dos atributos de Deus como é também o amor, a misericórdia, a graça, a sabedoria e etc.”* C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus.

[6] *“A palavra presciência tem dois significados. É um termo usado na teologia para expressar a ideia da previsão de Deus, isto é, Seu conhecimento do curso integral de acontecimentos que são futuros do ponto de vista humano. Ela também é usada com o sentido de pré-ordenação. No sentido de pré-conhecimento, ela é um aspecto da onisciência divina. O saber de Deus, de acordo com as Escrituras, é perfeito, isto é, Ele é onisciente”.* C. W. Hodge.

[7] *“A presciência, quando considerada atributo, é um ramo da onisciência divina; e quando considerada ato, é um ramo da doutrina dos decretos de Deus.”* C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus.

Como entender o termo ‘presciência’?

Deus não rejeitou o Seu povo que ‘antes conheceu’ (προγινωσκω -proginosko-presciência), ou seja, que se tornou propriedade d’Ele.

Como entender o termo ‘presciência’?

“Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.” (1 Coríntios 8:3).

O objetivo deste artigo é expor as contradições e a má leitura que Arthur W. Pink fez de alguns versos bíblicos, no artigo intitulado ‘A Presciência de Deus’, que consta do livro ‘Os Atributos de Deus’, publicado pela editora PES.

Primeiro, analisaremos o uso que o apóstolo Paulo faz dos termos ‘amor’ e ‘conhecer’ e, em seguida, analisaremos a exposição de Arthur W. Pink.

Amor e Conhecer

O apóstolo Paulo argumenta que, ‘se alguém ama a Deus, é conhecido d’Ele’ e o termo grego traduzido por conhecer é γινωσκω[1] (ginosko).

Quando escreveu aos cristãos da Galácia, o apóstolo dos gentios afirmou que, no tempo presente (agora), os cristãos conheciam a Deus ou, antes, eram conhecidos d’Ele e utilizou o termo grego γινωσκω.

“Mas, agora, conhecendo a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:9).

Ora, sabemos que, para ser conhecido de Deus, é imprescindível amá-Lo, de modo que, quem ama a Deus, conhece a Deus ou, antes, é conhecido d’Ele.

O termo grego traduzido por amor é αγαπω[2] (agapao) e, dependendo do contexto, refere-se à submissão de um servo ao seu senhor.

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou, há de odiar a um e amar ao outro ou, se dedicará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24).

O verso anterior é esclarecedor, pois, demonstra que, quando os cristãos não amavam (serviam) a Deus, serviam aos que por natureza não são deuses, mas, quando amaram a Deus, passaram a conhecê-Lo.

“Mas, quando não conhecíeis a Deus, serviíeis aos que por natureza não são deuses.” (Gálatas 4:8).

O evangelista João, também, faz uso dos termos gregos γινωσκω (ginosko) e αγαπαω (agapao):

“Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade.” (1 João 2:4);

“Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor.” (1 João 4:8);

Após essa breve análise, conclui-se que será tomada vingança daqueles que não amam a Deus, ou seja, que não obedeceram ao evangelho:

“Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo;” (2 Tessalonicenses 1:8).

Quando o apóstolo Paulo diz que todas as coisas contribuem para o bem dos que amam a Deus, na verdade, ele está enfatizando que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que conhecem a Deus, pois, quem ama a Deus, conhece a Deus ou, antes, é conhecido d’Ele.

“E sabemos que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” (Romanos 8:28).

Com base no exposto, podemos dizer que aqueles que amam a Deus ou, aqueles que conhecem a Deus, foram chamados segundo o seu propósito. Como não há diferença entre amar a Deus e conhecer a Deus, conseqüentemente, os que conhecem a Deus são os chamados segundo o seu propósito.

Da relação: “Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.” (1 Coríntios 8:3), decorre o enunciado do verso seguinte:

“Porque, os que dantes conheceu, também, os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” (Romanos 8:29).

‘Dantes conheceu’ é tradução do termo grego προγινωσκω^[3] (proginosko) que,

em função do contexto, que faz referência àqueles que amam a Deus, assume o significado de 'anteriormente conheceu'. Ou seja, os que 'dantes conheceu' são aqueles que amam a Deus, pois, "se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele", vez que "Aquele que não ama não conhece a Deus".

O que os apóstolos Paulo e João expuseram coaduna com o exposto na lei:

"E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos." (Êxodo 20:6).

Aqueles que amam a Deus se sujeitaram a Ele, na condição de servos, portanto, são propriedade de Deus, de modo que, os que pertencem a Deus, são conhecidos d'Ele.

"Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus e qualquer que profere o nome de Cristo, aparte-se da iniquidade." (2 Timóteo 2:19).

'Conhecer' no Antigo Testamento

Críticas ao arminianismo a parte, Arthur W. Pink argumenta que o termo presciência não ocorre no Antigo Testamento, entretanto, o termo 'conhecer' ocorre muitas vezes.

"A palavra "presciência" (pré-conhecimento) não se acha no Velho Testamento. Mas "conhecer" (ou "saber") ocorre ali muitas vezes. Quando esse termo é empregado com referência a Deus, com frequência significa considerar com favor, denotando não mera cognição, mas, sim, afeição pelo objeto em vista. "... te conheço por nome" (Êxodo 33:17). "Rebeldes fostes contra o Senhor, desde o dia em que vos conheci" (Deuteronômio 9:24). "Antes que te formasse no ventre te conheci ... " (Jeremias 1:5). "... constituíram príncipes, mas, eu não o soube ..." (Oséias 8:4). "De todas as famílias da terra a vós somente conheci ..." (Amos 3:2). Nestas passagens, "conheci" significa amei ou designei." Arthur W. Pink. Os Atributos de Deus.

Editora PES; Texto disponível em:
< http://www.monergismo.com/textos/presciencia/presciencia_pink_atributos.

[htm](#) >, consulta em 10/02/2018.

Quase todos os versos citados por Pink, nos quais o termo 'conhecer' ocorre, apontam para os filhos de Israel como povo e não como indivíduos.

“OUVI esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades.” (Amos 3:1-2).

Qual o significado de 'conhecer' neste verso? Resposta: - Propriedade peculiar!

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha.” (Êxodo 19:5).

Em função dos pais os filhos de Israel, como povo, foram amados, no entanto, individualmente Deus não se agradou da maioria deles e, por isso, pereceram no deserto (1 Coríntios 10:5).

“Tão somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos, como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

Deus não se agradou da maioria dos filhos de Israel, antes, se agradou dos pais (Abraão, Isaque e Jacó) e escolheu a descendência dos pais.

Considerando a fala de Pink: *‘Quando esse termo é empregado, com referência a Deus, com frequência significa considerar com favor, denotando não mera cognição, mas, sim, afeição pelo objeto em vista’*, o termo não é utilizado ‘considerar com favor’, nem ‘cognição’ e nem ‘afeição pelo objeto’. Observe:

“PÕE a trombeta à tua boca. Ele virá como a águia contra a casa do SENHOR, porque transgrediram a minha aliança e se rebelaram contra a minha lei. E a mim clamarão: Deus meu! Nós, Israel, te conhecemos. Israel rejeitou o bem; o inimigo perseguiu-lo-á. Eles fizeram reis, mas não por mim; constituíram príncipes, mas eu não o soube; da sua prata e do seu ouro fizeram ídolos para si, para serem destruídos” (Oseias 8:1-4).

Os filhos de Israel são declarados transgressores e mesmo assim, alegam que

‘conhecem’ a Deus. Se Israel rejeitou o bem, isso significa que rejeitaram amar a Deus, pois, tudo concorre para o bem somente para os que amam a Deus.

Embora tenham elegido príncipes sobre o povo, Deus declara: eu não o soube! O termo ‘conhecer’ não é utilizado no sentido de ‘considerar com favor’, nem ‘cognição’ e nem ‘afeição pelo objeto’.

Tem alguma coisa que Deus não conheça ou, que não saiba? Todas as coisas são conhecidas de Deus, mas, para algumas pessoas, que clamarão naquele dia, ‘Senhor, Senhor’, Deus dirá: nunca vos conheci (Mateus 7:23). Perceba que o termo na Antiga Aliança extrapola a concepção de Pink.

Quando lemos a passagem de Jeremias, que diz: “[Antes que te formasse no ventre te conheci e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta](#)” (Jeremias 1:54), a ideia do termo ‘conhecer’ significa propriedade, pois, foi para servir a Deus como profeta que Deus o santificou.

“[Porque todo o primogênito é meu; desde o dia em que tenho ferido a todo o primogênito na terra do Egito, santifiquei para mim todo o primogênito em Israel, desde o homem até ao animal: meus serão; Eu sou o SENHOR.](#)” (Números 3:13).

Com relação à citação de Deuteronômio, Moisés é o sujeito do verbo ‘conhecer’ e não Deus.

“[Rebeldes fostes contra o Senhor, desde o dia em que vos conheci](#)” (Deuteronômio 9:24).

Com relação a Moisés, Deus declarou conhecê-lo pelo nome. Isso significa que o termo ‘[conhecer](#)’ é utilizado no sentido de ‘considerar com favor’, ‘cognição’ ou ‘afeição pelo objeto’?

“[Então, disse o SENHOR a Moisés: Farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos e te conheço pelo nome.](#)” (Êxodo 33:17).

Após rogar a Deus que fosse com o povo, Deus aceita o pedido de Moisés, por ter achado graça aos olhos de Deus e porque aquela era a missão de Moisés, daí a asserção: conheço-te pelo nome.

'Conhecer' no Novo Testamento

Pink afirma que o termo 'conhecer' é empregado com o mesmo significado que há no Antigo Testamento:

“Assim, também, a palavra “conhecer” é empregada muitas vezes no Novo Testamento, no mesmo sentido do Velho Testamento. “E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci ...” (Mateus 7:23). “Eu sou o bom Pastor e conheço as minhas ovelhas e das minhas sou conhecido ” (João 10:14). “Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele” (1 Coríntios 8:3). “... o Senhor conhece os que são seus...” (2 Timóteo 2:19).” (Idem).

Em todos os versículos citados por Pink no Novo Testamento, o sentido do termo 'conhecer' aparece em conexão com a ideia de 'pertencer'. Deus conhece os que pertencem a Ele (2 Timóteo 2:19), por isso, Ele conhece as ovelhas que pertencem a Ele (João 10:14).

Os que amam a Deus são os que se fazem servos, portanto, são propriedade de Deus (1 Coríntios 8:3) e os que clamam 'Senhor, Senhor' não são conhecidos pois, nunca pertenceram a Deus (Mateus 7:23).

Em nenhum dos versos citados o termo 'conhecer' tem o sentido de 'considerar com favor', 'cognição' ou 'afeição pelo objeto', como apontado por Pink.

Após a má leitura que fez do termo 'conhecer', Pink passa a considerar o termo 'presciência' e os três versículos em que o termo é empregado no Novo Testamento:

“Pois bem, a palavra “presciência”, como é empregada no Novo Testamento, é menos ambígua que a sua forma simples, “conhecer”. Se cada passagem em que ela ocorre for estudada cuidadosamente, ver-se-á que é discutível se alguma vez se refere apenas à percepção de eventos que ainda estão por acontecer. O fato é que “presciência” nunca é empregada nas Escrituras em relação a eventos ou ações; em lugar disso, sempre se refere a pessoas. Pessoas é que Deus declara que “de antemão conheceu” (pré-conheceu), não as ações dessas pessoas. Para provar isto, citaremos agora cada uma das

passagens em que se acha esta expressão ou sua equivalente”. (Idem).

Pink faz uma análise de Atos 2, verso 23, com os argumentos seguintes:

“A primeira é Atos 2:23. Lemos ali: “A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos”. Se se der cuidadosa atenção à terminologia deste versículo, ver-se-á que o apóstolo não estava falando do conhecimento antecipado que Deus tinha do ato da crucificação, mas, sim, da Pessoa crucificada: “A este (Cristo) que vos foi entregue”, etc.” (Idem).

O texto não está falando do conhecimento antecipado que Deus tinha do ato da crucificação e nem da pessoa crucificada, antes, o texto se refere às profecias contidas nas Escrituras, acerca da crucificação do Cristo:

O primeiro discurso do apóstolo Pedro tem por base várias profecias das Escrituras, entre elas uma profecia do profeta Joel e duas profecias do salmista Davi, que constam no Salmo 16 e 110.

Nessas profecias estava previsto eventos que se referiam diretamente ao Cristo (Salmo 16 e 110) ou, à mensagem anunciada por Ele (Joel 2:28). Em função dessas previsões, afirmou o apóstolo Pedro:

“Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos;” (Atos 2:22-23).

O apóstolo Pedro evidencia aos seus concidadãos que Jesus foi entregue aos judeus em conformidade com o conselho de Deus (essa era a vontade de Deus, conforme Efésios 1:11) e presciência^[4] de Deus, ou seja, segundo o anunciado (previsto), anteriormente, nas Escrituras.

“Para que vos lembreis das palavras que, primeiramente, foram ditas pelos santos profetas e do nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador.” (2 Pedro 3:2).

No texto de Atos, o termo προγνωσις (prognosis) tem o sentido de profecia, conhecimento anunciado de antemão, conforme o próximo discurso do apóstolo

Pedro:

“Mas, Deus, assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer (...) E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado (...) Sim e todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também, predisseram estes dias.” (Atos 3:18, 20 e 24);

“Para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham, anteriormente, determinado que se havia de fazer” (At 4:28).

No contexto, προγνωσις (presciência) não se refere a um atributo da divindade, até porque Deus é onisciente e a ideia decorrente da presciência constituiu reducionismo do atributo da divindade. O apóstolo da circuncisão, ao utilizar o termo προγνωσις fez referência a um conhecimento dado de antemão aos homens, através dos seus santos profetas, portanto, não tem o sentido de ‘considerar com favor’, ‘cognição’ ou ‘afeição pelo objeto’, como foi apontado por Pink.

Nesse sentido, também, é falha a asserção de Pink, que disse: *“O fato é que “presciência” nunca é empregada nas Escrituras em relação a eventos ou, ações; em lugar disso, sempre se refere a pessoas”*, pois o apóstolo Pedro utilizou o termo para fazer referência aos eventos e as ações dos homens ímpios, anunciado de antemão pelos profetas, que matariam o Cristo.

Com relação ao emprego do termo, na carta do apóstolo Paulo aos Romanos, Pink faz a seguinte alegação:

“A segunda é Romanos 8:29-30. “Porque os que dantes conheceu, também, os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que destinou, a estes, também, chamou”, etc. Considere-se bem o pronome aqui empregado. Não se refere a algo, mas a pessoas, que ele conheceu, de antemão. O que se tem em vista não é a submissão da vontade, nem a fé do coração, mas as pessoas mesmas.” (Idem).

Pelo fato do termo ‘conhecer’, no texto de Romanos fazer referência a pessoa e não a algo, Pink conclui que o termo expressa a ideia de que *‘Deus conhece, de antemão, o que será porque Ele decretou o que há de ser’*.

Pink despreza a pequena diferença de escrita entre os termos προγινωσκω (proginosko) e προγνωσις (prognosis), sendo que este é empregado em Atos e aquele em Romanos. Enquanto προγνωσις (prognosis) tem o sentido de profecia, um conhecimento que é antecipado aos homens pelos profetas, προγινωσκω (proginosko) tem o sentido de propriedade, de comunhão íntima.

As pessoas que ‘dantes conheceu’ refere-se àqueles que amam a Deus, de modo que o ‘conhecimento’ tem por base a ideia do versículo anterior. O termo προγινωσκω (proginosko) é utilizado em Romanos 11, verso 2, também, no sentido de propriedade: “Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu...” (Romanos 11:2). Uma vez mais a clara referência é a pessoas e somente a pessoas.

Mas, Pink faz outra leitura:

“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu...” (Romanos 11:2). Uma vez mais a clara referência é a pessoas e somente a pessoas.” (Idem).

Por último, Pink faz um comentário a primeira Pedro, verso 2:

“A última citação é de 1 Pedro 1:2: “Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai...” Quem são “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai”? O versículo anterior nô-lo diz: a referência é aos “estrangeiros dispersos”, isto é, à Diáspora, à Dispersão, aos judeus crentes. Portanto, aqui, também, a referência é a pessoas e não aos seus atos previstos.” (Idem).

O termo utilizado por Pedro é προγνωσις (prognosis), que, no contexto, se refere a um conhecimento dado de antemão, conforme o anunciado pelos profetas. Como estava previsto pelo profeta Isaías que, com o seu ‘conhecimento’, o Cristo justificaria a muitos (Isaías 53:11), Pedro evidencia que os cristãos são eleitos, segundo o que Deus havia anunciado, através dos seus santos profetas.

O espírito que estava sobre o Cristo (Isaías 11:1-2; Isaías 61:1; Isaías 42:1 e 7; Joel 2:28; Deuteronômio 32:2), a palavra de santificação (santificação do espírito), é o conhecimento que Deus anunciou, de antemão, por intermédio dos seus profetas, conhecimento no qual os homens são limpos, a palavra anunciada por Cristo (João 6:63; João 15:3).

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em

santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:1-2).

Mas, para ser agraciado com a santificação proporcionada pelo espírito, o homem precisa obedecer e só, então, alcançará a aspersão (purificação), através do sangue de Cristo.

Através desse verso, claro está que Deus jamais ‘pré-conheceu’ certa pessoas ou, os seus atos, antes, Ele conhece todas as coisas, pois é onisciente. Os eleitos são os estrangeiros da dispersão e a ‘presciência’ de Deus Pai não é pré-conhecer pessoas, antes, diz do conhecimento anunciado no passado pelos profetas.

“Para que vos lembreis das palavras que, primeiramente, foram ditas pelos santos profetas e do nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador.” (2 Pedro 3:2).

Da má leitura, Pink condena o posicionamento arminianista, pois é descabido o Deus onisciente, conhecedor de todas as coisas, antever que responderá ao evangelho, elegendo-o. No entanto, o posicionamento que Pink defende é, igualmente, equivocado, de que presciência tem o sentido de ‘considerar com favor’, ‘cognição’ ou ‘afeição pelo objeto’.

“Ora, em vista destas passagens (e não há outras mais), que base bíblica há para alguém dizer que Deus “pré-conheceu” os atos de certas pessoas, a saber, o seu “arrependimento e fé”, e que devido a esses atos Ele as elegeu para a salvação? A resposta é: absolutamente nenhuma. As Escrituras nunca falam de arrependimento e fé como tendo sido previsto ou pré-conhecido por Deus. Na verdade, Ele sabia desde toda a eternidade que certas pessoas se arrependeriam e creriam ; entretanto, não é a isto que as Escrituras se referem como objeto da “presciência” de Deus. Esta palavra se refere uniformemente ao pré-conhecimento de pessoas; portanto, conservemos “... o modelo das sãs palavras. . .” (2 Timóteo 1:13).” (Idem).

O equívoco de Pink torna-se mais evidente na argumentação seguinte:

“Outra coisa para a qual desejamos chamar particularmente a atenção é que as duas primeiras passagens acima citadas mostram com clareza e ensinam implicitamente que a “presciência” de Deus não é causativa, pelo contrário, alguma outra realidade está por trás dela e a precede e essa realidade é o Seu

decreto soberano. Cristo "... foi entregue pelo (1) determinado conselho e (2) presciência de Deus" (Atos 2:23). Seu "conselho" ou decreto foi a base da Sua presciência. Assim, também, em Romanos 8:29. Esse versículo começa com a palavra "porque", conjunção que nos leva a examinar o que o precede imediatamente. E o que diz o versículo anterior? "... todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles... que são chamados por seu decreto". Assim é que a "presciência" de Deus baseia-se em Seu decreto (ver Salmo 2:7)." (Idem).

Ele afirma, para combater o arminianismo, que a presciência de Deus não é causativa. Ora, nenhum atributo de Deus é de per si causativo, quer seja a onisciência, a onipresença ou a onipotência. Tudo o que Deus faz é segundo o conselho da sua vontade, evidente que não é pela presciência e a tal presciência, segundo a concepção calvinista e arminianista, nem é atributo de Deus.

Cristo foi entregue segundo a vontade de Deus (Hebreus 10:10; Atos 2:23), conforme anunciado de antemão pelos profetas (1 Pedro 1:2; 2 Pedro 3:2). A base do conselho ou, decreto de Deus, é a sua vontade e não a tal 'presciência' (Efésios 1:9 e 11).

Tentar dizer que Romanos 8, verso 29 coaduna com a ideia de que *"Seu 'conselho' ou, decreto, foi a base da Sua presciência."*, é absurdo. Dizer que a conjunção 'porque' enfatiza que a 'presciência' tem por base o decreto de Deus, é atropelar os elementos constitutivos dos dois versículos, que dizem:

"E sabemos que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos." (Romanos 8:28-29).

O versículo não diz que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que são chamados segundo o propósito, antes, daqueles amam a Deus. Aqueles que amam a Deus é que são chamados, segundo o propósito de Deus.

E que propósito é esse? O apóstolo Paulo explica:

"Descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na

dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra;” (Efésios 1: 9-10).

E esse propósito se concretizou na Igreja:

“Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor,” (Efésios 3:10-11).

A conjunção explicativa ‘porque’ remete o leitor aos que amam a Deus, pois, só os que, de antemão, amaram a Deus, são ‘conhecidos’ d’Ele. Esses que são ‘conhecidos’, ou seja, propriedade, santificados, não terão outro destino, a não ser serem conforme a imagem de Cristo ressurreto, pois, assim, a vontade de Deus se efetiva: Cristo, que é filho unigênito, torna-se primogênito entre muitos irmãos.

Enquanto a predestinação tem em vista os que conhecem a Deus, pois serão conforme a imagem de Cristo, Pink considera que a predestinação tem em vista a salvação do homem, evento que é descrito como ‘conhecer’ a Deus, ou antes, ser conhecido d’Ele.

Observe:

“Deus conhece de antemão o que será, porque Ele decretou o que há de ser. Portanto, afirmar que Deus elege pessoas, porque as pré-conhece, é inverter a ordem das Escrituras, é pôr o carro na frente dos bois. A verdade é esta: Ele as “pré-conhece” porque as elegeu. Isto retira da criatura a base ou, a causa da eleição, e a coloca na soberana vontade de Deus. Deus Se propôs elege certas pessoas, não por haver nelas ou por proceder delas alguma coisa boa, quer concretizada, quer prevista, mas,, unicamente por Seu beneplácito. Quanto ao por que Ele escolheu os que escolheu, não sabemos e só podemos dizer: “Sim, ó Pai, porque assim te aprouve” (Mateus 11:26). A verdade patente em Romanos 8:29 é que Deus, antes da fundação do mundo, elegeu certos pecadores e os destinou para a salvação (2 Tessalonicenses 2:13). Isto se vê com clareza nas palavras finais do versículo: “... os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”, etc. Deus não predestinou aqueles que “dantes conheceu”, sabendo que eram “conformes”, mas, ao contrário, aqueles que Ele “dantes conheceu” (isto é, que Ele amou e elegeu), “predestinou para serem conformes”. Sua conformidade a Cristo não é a causa, mas o efeito da presciência e da predestinação divina.” (Idem).

Deus é onisciente, portanto, conhecedor de todas as coisas e não conhecedor, de antemão, por ter decretado o que há de ser. Nada mais natural alguém conhecer o que estabeleceu, mas Deus, sendo onisciente, conhece até mesmo as intenções do coração.

“A noção popular da presciência divina é inteiramente inadequada. Deus não somente conheceu o fim desde o princípio, mas, planejou, fixou, destinou tudo desde o princípio.” (Idem).

Quando Pink diz que: *“Deus conhece, de antemão, o que será, porque Ele decretou o que há de ser. Portanto, afirmar que Deus elege pessoas porque as pré-conhece, é inverter a ordem das Escrituras, é pôr o carro na frente dos bois. A verdade é esta: Ele as “pré-conhece”, porque as elegeu.”*, a primeira frase parece que ele considera o termo ‘conhece’ no sentido de saber, estar informado, no entanto, na frase que faz críticas ao arminianismo, percebe-se que ele faz uso do termo, no sentido de ‘considerar com favor’, ‘cognição’ ou ‘afeição pelo objeto’.

Em Romanos 8, verso 29, não tem referência alguma a qualquer evento estabelecido antes da fundação do mundo, mas Pink alega que antes da fundação do mundo Deus elegeu certos pecadores para salvação. O texto diz que Deus destinou, os que se tornaram propriedade Sua, para serem conforme a imagem de Cristo, até por que, assim como Ele é, o veremos e seremos semelhantes a Ele (1 João 3:2).

O objetivo pelo qual os que amam a Deus são destinados a serem conforme a imagem de Cristo é a primogenitura de Cristo, entre muitos irmãos, a essência do propósito eterno de Deus.

A predestinação divina é a consequência da ‘presciência’, ou seja, de pertencer a Deus, pois da consequência de entendemos o objetivo da predestinação: a primogenitura entre muitos irmãos.

Mas, Pink não para por aí, pois cita 2 Tessalonicenses, como baluarte da sua exposição, mas no verso há uma alteração de significado do termo ‘primícias’ para ‘princípio’.

O verso citado por Pink reza assim:

“Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do

SENHOR, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade;” (2 Tessalonicenses 2:13).

Mas, como se verifica, o termo traduzido por ‘desde o princípio’ é *απαρχη*, que outras versões traduzem por ‘primícias’ e não há nos melhores manuscritos a preposição essencial ‘desde o’.

O apóstolo Paulo escreveu aos Tessalonicenses que Deus escolheu os cristãos (a vós) primícias para salvação, em santificação do espírito e fé na verdade, ou seja, os cristãos, na condição de primícias (Tiago 1:18), são salvos em santificação pela palavra de Cristo, que é espírito e vida, crendo (fé) na verdade.

Pink nem mesmo consegue distinguir a fé em Cristo, que é crer, depositar confiança, da fé que é dom de Deus.

“As Escrituras afirmam que Deus, em Sua soberania, escolheu alguns para serem recipientes de Seus distinguidos favores (Atos 13:48) e, portanto, determinou conferir-lhes o dom da fé. A falsa teologia faz do conhecimento prévio que Deus tem da nossa fé a causa da eleição para a salvação, ao passo que a eleição de Deus é a causa e a nossa fé em Cristo, o efeito (...) Deus não elegeu nenhum pecador porque previu que creria, pela razão simples, mas suficiente, de que nenhum pecador jamais crê, enquanto Deus não lhe dá fé; exatamente, como nenhum homem pode ver antes que Deus lhe dê a vista. A vista é dom de Deus e ver é a consequência do uso do Seu dom. Assim, também, a fé é dom de Deus (Efésios 2:8-9) e crer é a consequência do uso deste Seu dom. Se fosse verdade que Deus elegeu alguns para serem salvos porque no devido tempo eles creriam, isso tornaria o ato de crer num ato meritório e, nesse caso, o pecador salvo teria motivo para gloriar-se, o que as Escrituras negam enfaticamente (veja Efésios 2:9)”. (Idem).

Pink alega que, na Sua soberania, Deus escolheu alguns para dar-lhes o dom da fé, no entanto, o dom da fé é Cristo, a ‘fé’ que veio, que segundo o apóstolo Paulo, havia de se manifestar (Gálatas 3:23-25) e que foi dada aos santos (Judas 1:3).

O homem é salvo pela graça de Deus, por meio da verdade do evangelho, que também é denominado fé (Efésios 2:8), fé essa que é anunciada ou pregada (Gálatas 3:2; Romanos 1:8). Sem Deus ter dado o dom da fé, que é Cristo, não haveria a fé pela qual o justo viverá e se faz agradável a Deus (Hebreus 11:6).

O dom da fé que consta em Efésios 2, versos 8 à 9 não é conforme os dos ministeriais que são concedidos para edificação dos santos. Crer em Cristo não é o exercício de um dom, antes, Cristo é o dom de Deus e os homens devem obedecê-lo, crendo em Cristo.

Crer em Cristo é um mandamento e o homem só ama a Deus, quando obedece a Deus, crendo em Cristo, o dom de Deus, que graciosamente salva os homens. A salvação é graça, mas o homem é salvo por meio da fé, que é o evangelho (Romanos 1:16; Efésios 1:13).

Certamente que crer não é ato meritório, antes, é ato de sujeição a Deus, em obediência ao seu mandamento. Não há como alguém se gloriar em obedecer, por isso é dito que, o amor não se ensoberbece (1 Coríntios 13:4). Crer vai além de voluntariedade e cumprir com o exigido por Deus:

“Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou.” (João 6:29).

Pink preocupa-se tanto em que haja mérito em o homem crer naquele que é fiel, que se esquece de que crer em Cristo é um mandamento, de modo que aquele que crê, humilha-se a si mesmo, fazendo-se servo de Deus.

“Certamente, a Palavra de Deus é bastante clara ao ensinar que crer não é um ato meritório. Afirma ela que os cristãos vieram a crer “pela graça” (Atos 18:27). Se, pois, eles vieram a crer “pela graça”, absolutamente não há nada de meritório em “crer”, e, se não há nada de meritório nisso, não poderia ser o motivo ou causa que levou Deus a escolhê-los. Não; a escolha feita por Deus não procede de coisa nenhuma existente em nós ou, que de nós provenha, mas, unicamente, da Sua soberana boa vontade.” (Idem).

No afã de validar a concepção calvinista, Pink cita Romanos 11, verso 5, como base para dizer que a eleição é ‘da graça’, como se o texto estivesse tratando da salvação de alguns e rejeição dos restantes. No entanto, o apóstolo fez um contraponto entre a lei e o evangelho, visto que a eleição dos filhos de Israel se deu pela promessa feita aos patriarcas (Romanos 11:28) e não porque Deus ‘pré-conheceu’ alguns israelitas e outros não e os elegeu para serem salvos.

“Mais uma vez, em Romanos 11:5 lemos sobre “... um resto, segundo a eleição da graça”. Eis aí, suficientemente claro; a eleição mesma é “da graça” e a

graça é favor imerecido, coisa a que não tínhamos direito nenhum diante de Deus.” (Idem).

Deus não rejeitou o povo de Israel que ‘antes conheceu’ (προγινωσκω – proginosko) ou, seja, que se tornou propriedade d’Ele (Romanos 11:2; Deuteronômio 10:15), isso porque o povo foi eleito por causa dos pais, tendo em vista o propósito de Deus, que se concretiza no descendente prometido a Abraão e não que a eleição deles resultou em salvação de alguns e perdição de outros.

Pink não observa que na Bíblia não há eleição de indivíduos para a salvação, mas, sim, eleição de um povo para um propósito. Israel foi eleito por causa de Abraão, pois, em Isaque, seria chamada a sua descendência (Romanos 9:7). No Novo Testamento, o último Adão é o eleito de Deus e a Igreja é eleita em Cristo, por isso, o apóstolo Pedro se refere à igreja como a ‘geração eleita’, pois a Igreja atende ao propósito de Deus de tornar o Seu Filho preeminente em tudo (1 Pedro 2:9).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] *“1097 γινωσκω ginosko forma prolongada de um verbo primário; TDNT – 1:689,119; v 1) chegar a saber, vir a conhecer, obter conhecimento de, perceber, sentir 1a) tornar-se conhecido 2) conhecer, entender, perceber, ter conhecimento de 2a) entender 2b) saber 3) expressão idiomática judaica para relação sexual entre homem e mulher 4) tornar-se conhecido de, conhecer Sinônimos ver verbete 5825”* Dicionário Bíblico Strong.

[2] *“25 αγαπαω agapao Talvez de agan (muito) [ou cf 5689 αγα]; TDNT 1:21,5; v 1) com respeito às pessoas 1a) receber com alegria, acolher, gostar muito de, amar ternamente 2) com respeito às coisas 2a) estar satisfeito, estar contente sobre ou com as coisas Sinônimos ver verbete 5914”* Dicionário Bíblico Strong.

[3] *“4267 προγινωσκω proginosko de 4253 e 1097; TDNT – 1:715,119; v 1) ter conhecimento de antemão 2) prever 2a) daqueles que Deus elegeu para a salvação 3) predestinar”* Dicionário Bíblico Strong.

[4] *“4268 προγνωσις prognosis de 4267; TDNT – 1:715,119; n f 1) pré-conhecimento 2) presciência, prognóstico”* Dicionário Bíblico Strong.

Cristo - O dom de Deus para salvação

Quando Deus disse a Moisés, que tem misericórdia de quem Ele tiver, Moisés estava querendo e correndo atrás do perdão de Israel. Ora, Moisés não alcançou a misericórdia de Deus para o povo de Israel, pois todos que saíram do Egito, exceto dois, morreram no deserto. Não dependia de Moisés querer ou correr, mas de Deus, que tem misericórdia dos que O amam.

Cristo - O dom de Deus para salvação

O Dr. Arthur W. Pink ao argumentar em defesa da doutrina calvinista, especificamente com relação à soberania divina na reprovação, reitera o seu posicionamento defendido em seu livro, dizendo:

“Novamente; fé é um dom de Deus e o propósito de dá-la somente a alguns, envolve o propósito de não dá-la a outros. Sem fé não há salvação — “Quem crê nele não é condenado” — portanto, se há alguns descendentes de Adão aos quais Ele propôs não dar fé, deve ser porque Ele ordenou que eles deveriam ser condenados” - Arthur W. Pink, A Soberania de Deus na Reprovação[1].

O dom inefável

O Dr. Pink argumenta que a ‘fé é um dom de Deus’. Sem problema algum, pois neste ponto ele cita o apóstolo Paulo aos Efésios, quando diz: **“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus”** (Ef 2:8).

O erro surge quando ele diz que Deus dá a fé somente a alguns[2], e que, por conseguinte, Deus se resignou a não dar a fé a outros. Está correto o argumento do Dr. Pink?

O problema do Dr. Pink é de interpretação de texto, pois no verso 5, o apóstolo Paulo afirma que, quando os agora cristãos estavam mortos em ofensas, foram vivificados por Cristo. Neste ponto o apóstolo argumenta: *“Pela graça sois salvos”*.

Ora, o ato de dar vida ao homem é ação graciosa de Deus, pois quando morto em ofensas, o velho homem foi crucificado com Cristo e sepultado. Neste quesito a justiça de Deus é estabelecida, pois a pena não passa do transgressor, visto que a alma que pecar, essa mesma morrerá.

Quando o homem no pecado morre com Cristo, Deus é justo e não tinha nenhuma obrigação para com os que são crucificados com Cristo, mortos no batismo com Cristo e sepultados. Mas, graciosamente, Deus faz ressurgir da sepultura um novo homem, criado, segundo Deus, em verdadeira justiça e santidade, portanto, na nova criação, Deus é justificador, pois declara o novo homem em Cristo, justo e santo.

Na ressurreição com Cristo, está a graça de Deus, visto que, na morte com Cristo, se opera a justiça de Deus:

“Ou não sabeis que, todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também, em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos” (Rm 6:3 -8).

Foi cravado na cruz o escrito de dívida que era contra os incircuncisos de coração, sendo que, na cruz, a circuncisão de Cristo foi feita, pois, nela, o corpo do pecado da carne foi desfeito. Após ser sepultado com Cristo, no batismo de sua morte, os que creem foram ressuscitados, de modo que todas as ofensas foram

perdoadas.

“No qual também estais circuncidados com a circuncisão, não feita por mão, no despojo do corpo dos pecados da carne, a circuncisão de Cristo; sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé, no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos. E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoadando-vos todas as ofensas, havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual, de alguma maneira, nos era contrária e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz” (Cl 2:11-14).

Além dos cristãos terem sido ressuscitados com Cristo, Deus os fez assentar nas regiões celestiais em Cristo, ou seja, agora entram no descanso. Ora, este evento de vivificar os que creram e fazê-los assentar-se nas regiões celestiais, será notificado nos séculos vindouros, o quão abundantes são as riquezas da graça, por intermédio de Cristo (Ef 2:7).

Após apontar a benignidade de Deus, em Cristo, o apóstolo Paulo enfatiza, novamente, que, pela graça, os cristãos são salvos. Ora, os cristãos são salvos pela graça, pois a benignidade de Deus em Cristo, nada exige do homem para ser salvo, vez que é impossível ao homem salvar-se a si mesmo.

Mas, apesar de o homem ser salvo pela graça, a salvação é operada por meio da fé, ou seja, algo definido como não proveniente dos homens (não vem de vós), antes diz do dom de Deus.

“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2:8).

O Dr. Pink confunde o ‘dom de Deus’ com a ‘crença’ do homem pela má leitura que faz do texto.

O dom de Deus é Cristo e não a crença do homem, conforme se lê:

“Jesus respondeu e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias e ele te daria água viva” (Jo 4:10).

Se a mulher samaritana conhecesse o dom de Deus e soubesse quem lhe pediu água, reconheceria, de pronto, que aquele homem à beira do poço de Jacó era o

Cristo, o dom inefável de Deus dado aos homens. Cristo é o dom de Deus dado a todos os homens: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

Sem Cristo não há salvação, pois não há entre os homens nenhum outro nome dado pelo qual devamos ser salvos: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4:12); “Sempre dou graças ao meu Deus por vós, pela graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo” (1Co 1:4).

Isso significa que, pela graça de Deus o homem é salvo, por meio de Cristo, ou como vem expresso no verso: por meio da fé. Ora, quando é dito que o homem é salvo por meio da fé, fé não tem o significado de crença, mas, sim, o significado de O enviado de Deus, pois Cristo é a fé que havia de se manifestar:

“Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar” (Gl 3:23).

Quando lemos: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2:8), temos que ter a perspicácia de substituir a frase: ‘por meio da fé’, pela frase: ‘por meio daquela fé que se havia de manifestar’, que é Cristo, o dom de Deus.

No afã de enfatizar o seu credo, o Dr. Pink não teve o cuidado de observar que o termo traduzido por fé, não se trata de um verbo, mas do substantivo grego πίστις, transliterado pistis. Sem πίστις (fé) não há salvação, mas com πιστεύω (pisteúo=fé, crer, acreditar) ou sem πιστεύω há salvação, pois Deus é fiel e não pode negar a si mesmo: “Pois quê? Se alguns foram incrédulos, a sua incredulidade aniquilará a fidelidade de Deus?” (Rm 3:3; 2Tm 2:13).

Quando o apóstolo Paulo faz referência à fé, que por meio dela o homem é salvo, faz menção da fé, que a incredulidade do homem jamais pode aniquilar.

O termo fé foi empregado pelo apóstolo Paulo, no verso 8, do capítulo 2, de Efésios, como figura de linguagem, a metonímia[3] onde, no caso, temos a substituição do autor pela obra: Cristo é o autor e consumidor da fé: “Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta e assentou-se à destra do trono de Deus”

(Hb 12:2).

Quando Cristo, o dom de Deus, foi concedido, Deus não fez distinção entre homens. Deus amou o mundo, ou seja, todos os povos, nações, tribos e de todas as línguas, pois, sobre isso, vaticinou o profeta:

“Disse mais: Pouco é que sejas o meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os preservados de Israel; também te dei para luz dos gentios, para seres a minha salvação até a extremidade da terra” (Is 49:6);

“E toda a carne verá a salvação de Deus” (Lc 3:6);

“Porque o Senhor assim no-lo mandou: Eu te pus para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação, até os confins da terra” (At 13:47);

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens” (Tt 2:11).

Segundo o profeta Isaías, Deus se propôs a conceder salvação a todos os descendentes de Adão, ou seja, Deus se propôs a dar fé a todos os homens, do que se conclui que a assertiva do Dr. Pink é equivocada.

A fé foi dada, primeiramente, aos judeus (Jo 1:11), mas, como eles a rejeitaram, ela foi transferida aos gentios:

“Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios e eles a ouvirão” (At 28:28).

Além de ‘fé’, Cristo também é nomeado de ‘poder de Deus’, ‘sabedoria de Deus’, etc. Sem Cristo não há salvação, o que nos leva a considerar que, sem o poder de Deus, ou sem a sabedoria de Deus, não há como ser salvo.

Daí a máxima:

“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu e, também, do grego” (Rm 1:16).

Ora, o apóstolo Paulo não se envergonhava do evangelho de Cristo, ou seja, da palavra da cruz (1 Co 1:18), da pregação da fé (Gl 3:2), da loucura da pregação

(1Co 1:21), pois é poder de Deus para salvação de todo aquele que crer.

A pregação está intimamente ligada à fé, ou seja, a Cristo, de modo que, se a mensagem apregoada não é segundo Cristo, tanto a pregação, quanto aquele que é anunciado, se faz vão. Sabemos que Cristo ressuscitou dentre os mortos, mas se alguém apregoa que Jesus não ressuscitou, a pregação é inútil, bem como o próprio Cristo, se Ele não houvesse ressuscitado: **“E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação e também é vã a vossa fé”** (1 Co 15:14 e 17).

Quando lemos: **“Que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo”** (1 Pd 1:5), temos que entender que é mediante o evangelho (fé) que os cristãos são guardados para a salvação.

Observe que, pregar com base em sabedoria de palavras e não com base na mensagem da cruz, torna inócua a cruz de Cristo, para quem é anunciado somente em sabedoria de palavras: **“Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã”** (1 Co 1:17).

Embora Deus tenha enviado o seu Filho ao mundo para salvação, aprouve a Deus salvar aqueles que dão crédito à pregação, ou seja, Deus só salva os crentes, não os ouvintes da pregação: **“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação”** (1 Co 1:21).

Crer no dom de Deus

Daí a pergunta: **“Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR?”** (Is 53:1). Embora os filhos de Israel não dessem crédito à pregação, contudo, o braço do Senhor - Cristo - foi manifesto a todos os povos: **“O SENHOR desnudou o seu santo braço perante os olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus”** (Is 52:10).

A πιστεύω (pisteúo=crença) jamais precede a πίστις (pistis=fé). A πιστεύω (crença) decorre da πίστις (fé), pois a πίστις remete à verdade, à fidelidade, à lealdade e à imutabilidade de Deus. Tanto que o termo grego πίστις, decorre da raiz de um termo, que significa fidelidade. Segundo o Dicionário Bíblico Strong, o

termo fé (πιστις, pistis), entre outras coisas, significa fidelidade, lealdade.

Quando deparamos com a definição: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem” (Hb 11:1), a fé é objetiva, ou seja, é o firme fundamento, algo imutável. O que se espera, diz respeito à crença do homem, que é algo subjetivo, de foro íntimo. A fé é prova, ou seja, algo objetivo, mesmo quando não conseguimos contemplar, ver.

Ora, as Escrituras deixam claro que o firme fundamento é Cristo, pois Ele é a pedra de esquina, no qual aquele que crê não é confundido: “Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Ef 2:20); “Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3:11).

Sem Cristo (fé) é impossível agradar a Deus: “Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam” (Hb 11:6).

Mas, para que alguém creia, primeiro é necessário pregar, pois crer decorre da palavra da fé: “Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos” (Rm 10:8); “Então, ou seja eu, ou sejam eles, assim pregamos e assim haveis crido” (1 Co 15:11).

Só é possível ‘estar em Cristo’, ou seja, ‘ser uma nova criatura’, após ouvir a palavra da verdade, o evangelho da salvação e crer: “Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa” (Ef 1:13).

Daí a exposição paulina aos cristãos em Roma:

“Mas, a justiça que é pela fé, diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, a trazer do alto a Cristo) Ou: Quem descera ao abismo? (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo.)” (Rm 10:6-7).

A justiça de Deus não é pela crença do homem, mas pela palavra de Deus, que é firme e fiel: a FÉ. Ou seja, a justiça, que é pela palavra de Deus, protesta contra os homens para não dizerem em seus corações: quem subirá ao céu? Quem descera ao abismo?

Esta é a palavra firme e fiel, digna de toda aceitação:

“Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não te é encoberto e tampouco está longe de ti. Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Nem, tampouco, está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós, além do mar, para que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a cumprires” (Dt 30:11-14).

Não crer nesta palavra é injustiça!

A palavra da fé, ou seja, a palavra de Deus é esta:

“Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Tm 1:15).

Sobre a palavra da fé, orientou o apóstolo Paulo a Timóteo:

“Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas e exercita-te a ti mesmo em piedade; porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir. Esta palavra é fiel e digna de toda a aceitação” (1 Tm 4:6-9).

Por que foi dada esta orientação? Porque muitos apostatariam da fé, ou seja, da verdade, da palavra digna de total aceitação! Deixariam a Cristo e seguiriam fábulas de homens corruptos de entendimento.

O termo grego πιστεύω (pisteúo), traduzido por crença, quando empregado nas Escrituras, tem o sentido de obediência. A palavra da fé é que Cristo é o enviado de Deus, que foi morto e ressurgiu ao terceiro dia. Crer nesta mensagem é o mandamento de Deus para que o homem não pereça. A obediência da fé (evangelho) é crer que Jesus é o Senhor e que Deus o ressuscitou entre os mortos.

“Mas, que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações, para obediência da fé” (Rm 16:26).

“A saber: se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Visto que, com o coração se crê para a justiça e com a boca se faz confissão para a salvação. Porque a Escritura diz: Todo aquele que nele crer não será confundido. Porquanto, não há diferença entre judeu e grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam” (Rm 10:9-12).

Quem crê em Cristo não perece, antes alcança a vida eterna: “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê, já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (Jo 3:18). Por que? Porque, quem crê em Jesus, crê no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho nas Escrituras: “Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê, mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e essa vida está em seu Filho” (1 Jo 5:10-11).

A mensagem apregoada pelos profetas apontava para o Cristo, mas, quando Jesus veio, os homens O rejeitaram; por conseguinte, rejeitaram as Escrituras, pois elas testificam de Cristo: “Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de mim testificam” (Jo 5:39).

Crer em Cristo é obedecer ao mandamento de Deus, ou, segundo uma linguagem própria aos judeus, realizar a obra de Deus: “E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento” (1 Jo 3:23); “Jesus respondeu e disse-lhes: a obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6:29).

Deus só é favorável a quem obedece, ou seja, a quem O ama, a quem realiza a obra, a quem cumpre o mandamento, pois assim está escrito:

“Eu amo aos que me amam e os que cedo me buscarem, me acharão” (Pv 8:17).

A benevolência de Deus está em Cristo, porém, para alcançá-la, o homem tem que obedecer a Deus, como está escrito:

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém

agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam, serão desprezados” (1 Sm 2:30);

“Com o benigno te mostrarás benigno e com o homem sincero te mostrarás sincero; Com o puro te mostrarás puro e com o perverso te mostrarás indomável” (Sl 18:25-26).

A mensagem da salvação é direcionada a todos os homens, porém, a salvação é só para os que obedecem, ou seja, para os que creem em Cristo: “E, sendo ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem” (Hb 5:9).

O Dr. Pink apregoa que Deus salva e reprova os homens segundo a sua Soberania, porém, as Escrituras não dizem assim. Observe:

“Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos. E retribui no rosto qualquer dos que o odeiam, fazendo-o perecer; não será tardio ao que o odeia; em seu rosto lho pagará. Guarda, pois, os mandamentos e os estatutos e os juízos que hoje te mando cumprir” (Dt 7:7-11).

Embora Deus seja Deus, ou seja, exerça soberania, contudo, a relação dele com suas criaturas se dá através do amor e do ódio. Quando a Bíblia fala de amor e ódio, não fala de sentimentos, mas, de obediência e desobediência, como se lê:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6:24).

Desde sempre, Deus se propôs a exercer misericórdia aos que O amam, ou seja, aos que guardam os seus mandamentos e faz perecerem os que O odeiam, ou seja, aos que não guardam os seus mandamentos. Daí a ordem: Guarda, pois os mandamentos!

Deus é fiel à Sua palavra: Ele guarda a aliança e concede a sua misericórdia aos que O amam. Esta lição é incontestável! Mas, quando o povo de Israel não guardou a aliança e desobedeceu a Deus, fazendo um bezerro de ouro, Moisés se interpôs diante de Deus e fez a seguinte oração:

“Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito” (Êx 32:32).

Ora, Deus só risca do livro aquele que pecar, portanto, a oração de Moisés foi descabida e atentatória à justiça de Deus, pelo que Deus respondeu:

“Então, disse o SENHOR a Moisés: Aquele que pecar contra mim, a este riscarei do meu livro” (Ex 32:33).

Em outras palavras, a alma que pecar essa mesma morrerá, ou seja, Moisés não podia perecer no lugar do povo que pecou: “A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho. A justiça do justo ficará sobre ele e a impiedade do ímpio cairá sobre ele” (Ez 18:20).

Deus concedeu a Moisés que continuasse conduzindo aquele povo, porém, o mal já estava estabelecido: visitarei neles o seu pecado! “Vai, pois, agora, conduze este povo para onde te tenho dito; eis que o meu anjo irá adiante de ti; porém, no dia da minha visita, visitarei neles o seu pecado” (Ex 18:34).

Mas, ao dar prosseguimento em sua missão, Moisés roga pela presença de Deus e que considere o povo de Israel, que havia pecado, como o Seu povo (Ex 33:12-13). Deus concede o desejo de Moisés, de mostrar a sua glória, fazendo passar a bondade de Deus e anunciar o nome de Deus perante Moisés (Ex 33:19).

Mas, apesar de Deus conceder o desejo de Moisés, reitera a sua palavra: “... e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Ex 33:19). Onde os calvinistas veem soberania, na verdade é a reiteração de um mandamento: “Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos” (Ex 7:7).

De quem Deus tem misericórdia? Deus tem misericórdia dos que O amam, ou seja, dos que guardam o seu mandamento. Quando é dito: ‘terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia’, ocorre uma figura de linguagem conhecida por ‘elipse’, que consiste na supressão de parte da frase, geralmente utilizada por bons escritores, pois intensifica e valoriza a porção restante do discurso.

Deus não utiliza dois pesos e duas medidas: “E orei ao SENHOR meu Deus,

confessei e disse: Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos” (Dn 9:4).

Jesus mesmo disse que aquele que ama é o que guarda os seus mandamentos: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14:21). Ora, se tudo concorre para o bem dos que amam a Deus, certo é que tudo concorre para o bem dos que obedecem a Deus (Rm 8:28).

Aquele que não obedece (ama), não conhece a Deus: “Aquele que não ama, não conhece a Deus; porque Deus é amor” (1 Jo 4:8); “Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade” (1 Jo 2:4); “Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis e desobedientes e reprovados para toda a boa obra” (Tt 1:16).

De nada adianta o homem dizer que crê em Deus, mas não crê em Cristo, pois a boa obra, segundo o mandamento de Deus, é crer naquele que Ele enviou e, concomitantemente, está crendo em Deus: “E Jesus clamou e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas nAquele que me enviou” (Jo 12:44); “E a sua palavra não permanece em vós, porque naquele que Ele enviou não credes vós” (Jo 5:38).

Conhecendo a Deus

Observe o seguinte verso:

“Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele” (1Co 8:3).

Como o homem se torna ‘conhecido’ de Deus? Obedecendo-o! Amando-o!

Essa abordagem se faz necessária em função dos equívocos apresentado pelo Dr. Pink no seguinte parágrafo:

“E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mateus 7:23). No capítulo anterior foi demonstrado que as palavras “conhecer” e “pré-conhecimento”, quando aplicadas a Deus nas Escrituras, têm referência não, simplesmente, à Sua presciência (isto é, a Seu conhecimento desnudo, de antemão), mas, ao Seu conhecimento de aprovação. Quando Deus disse a Israel: “De todas as

famílias da terra, somente a vós (Israel) vos tenho conhecido” (Amós 3:2), é evidente que Ele quis dizer: “Somente vocês têm o meu favor”. Quando lemos em Romanos 11:2: “Deus não rejeitou o seu povo (Israel), o qual de antemão conheceu”, é óbvio que o significado é: “Deus não rejeitou, finalmente, aquele povo que Ele escolheu como objeto de Seu amor — conforme Deuteronômio 7:7,8. Da mesma forma (e é a única forma possível) devemos entender Mateus 7:23. No Dia do Julgamento o Senhor dirá a muitos: “Eu nunca vos conheci”. Observe, é mais do que simplesmente “Eu não vos conheço”. Sua declaração solene será: “Eu nunca vos conheci” — vocês nunca foram os objetos da Minha aprovação. Contraste isto com o “Eu conheço (amo) as Minhas ovelhas e das Minhas sou conhecido (amado)” (João 10:14). As “ovelhas”, Seus eleitos, os “poucos”, Ele “conhece”; mas os réprobos, os não-eleitos, os muitos, Ele não conhece — não, nem mesmo antes da fundação do mundo Ele os conheceu — Ele “NUNCA” os conheceu!” Arthur W. Pink, A Soberania de Deus na Reprovação.

Para o Dr. Pink, ‘conhecer’ é o mesmo que ‘aprovação’, porém, o termo não possui este significado. Na verdade, o termo ‘conhecer’ aplica-se aos que obedecem, aos que amam, no sentido de que se tornaram um com Ele: “Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (2Ts 1:8); “E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade” (1Jo 2:3 -4).

Deus tomará vingança dos que não obedecem ao evangelho de Cristo, ou seja, em sentido contrário, os que obedecem ao evangelho se tornam um com o Pai e o Filho, isto é, conheceram a Deus, ou antes, foram conhecidos d’Ele: “Mas, agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gl 4:9); “E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um” (Jo 17:22).

‘Conhecer’ a Deus é se tornar membro do corpo de Cristo, é pertencer à Sua Igreja. ‘Conhecer’ a Deus, ou antes, Deus ‘conhecer’ ao homem, não possui relação com “pré-conhecimento”, “presciência”, “conhecimento desnudo, de antemão”, e nem com “conhecimento de aprovação”, definições utilizadas pelo Dr. Pink para explicar o que não compreende.

Assim, como Adão ‘conheceu’ à sua mulher e se fez uma só carne, um só corpo com ela, aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus, se faz uma só carne, um só corpo com Cristo. “Porque somos membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos. Por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja” (Ef 5:30-32).

Quando é dito: “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5:21), significa que Cristo nunca foi participante do pecado, ou seja, que nunca esteve unido ao pecado.

A doutrina calvinista da reprovação, ou como alguns dizem, preterição, surge da má leitura de alguns termos bíblicos. Na sua grande maioria, os estudiosos leem os termos com a mente do nosso tempo e se esquecem de que os termos têm que ser compreendidos com a mente do homem da época em que o termo foi empregado.

O absurdo de tentar embasar a preterição em passagens bíblicas como Romanos 9, verso 13: “Como está escrito: amei Jacó e aborreci a Esaú”, decorre da má leitura de termos como ‘amar’ e ‘aborrecer’ e de não observar o contexto.

O apóstolo Paulo estava demonstrando que a palavra de Deus não falhou, embora nem todos os pertencentes à comunidade de Israel fossem israelitas, ou seja, não é porque os filhos de Jacó descendiam de Abraão que eram, de fato, filhos de Abraão (Rm 9:6-7).

Como foi dito a Abraão que, em Isaque seria chamada a descendência de Abraão, isso significava que não eram os filhos da carne, que eram filhos de Abraão, mas, sim, os filhos da promessa (Rm 9:8). Em seguida, o apóstolo cita a palavra da promessa que não falhou: “Pois a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei e Sara terá um filho” (Rm 9:9).

Seguindo o raciocínio de que a palavra de Deus não falhou (Rm 9:6), o apóstolo Paulo cita outra promessa, a palavra que foi dita a Rebeca quando concebeu de um só, Isaque (Rm 9:10). Mas, antes de Esaú e Jacó terem nascido, ou feito bem ou mal, Deus disse a Rebeca: “O maior servirá o menor” (Rm 9:12).

Por que foi dita esta palavra a Rebeca? Deus tinha preferência entre os filhos de Rebeca e de Isaque? Não! Foi dito que o ‘maior serviria o menor’ para evidenciar

que o propósito de Deus, segundo a eleição, é firme, não por obra, mas pelo que chama.

O propósito de Deus, segundo a eleição, era abençoar o primogênito. Mas, como Esaú desprezou o direito de primogenitura por um prato de lentilhas, Jacó adquiriu esse direito. Deus deu o que era de direito a Jacó, ou seja, amou a Jacó. Jacó buscou o direito de primogenitura, ou seja, a bênção de Deus e Deus lhe concedeu, enquanto que negou o mesmo direito a Esaú, pois este o desprezara e o vendera a seu irmão mais novo.

A primogenitura era o parametro para a eleição de Deus, e não a sua soberania. Soberanamente, antes de Esaú e Jacó terem nascido, Deus já havia estabelecido abençoar o primogênito.

A escolha do povo de Israel não se deu porque Deus tinha preferência por Israel, em detrimento dos outros povos, pois, em nada Israel era diferente dos outros povos (Dt 9:6), antes, a escolha se deu para que Deus guardasse o juramento feito a Abraão (Dt 9:5).

Quando Deus disse, por intermédio de Malaquias: [“Amei a Jacó, mas odiei a Esaú”](#) (v. 13), foi uma resposta ao povo, que questionava de que forma foram amados (Ml 1:2). Deus ‘amou’ Israel, porque guardou o juramento que fizera aos pais, o que significa que a palavra de Deus não falhou (Sl 44:3).

[“O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou, com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito”](#) (Dt 7:7-8).

[“Será, pois, que, se ouvindo estes juízos, os guardardes e os cumprirdes, o SENHOR teu Deus te guardará a aliança e a misericórdia que jurou a teus pais; E amar-te-á, abençoar-te-á e te fará multiplicar; abençoará o fruto do teu ventre e o fruto da tua terra, o teu grão e o teu mosto, o teu azeite, a criação das tuas vacas e o rebanho do teu gado miúdo, na terra que jurou a teus pais te dar”](#) (Dt 7:12-13).

Por causa da promessa feita aos pais, Israel foi preservado e Edom, por não ter

direito segundo a promessa, tornou-se uma desolação, morada de chacais. A citação de Malaquias evidencia que a palavra de Deus não falhou e não que Deus escolhe alguns para serem salvos e outros destinou à danação.

Há injustiça da parte de Deus, por ter dado a sua palavra aos pais? Não! Pois Deus mesmo disse a Moisés: *“Compadecer-me-ei de quem me compadecer e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia”* (Rm 9:15).

Deus teve misericórdia da humanidade, quando anunciou o evangelho, primeiramente, a Abraão: *“Em ti serão benditas todas as famílias da terra”* (Gl 3:8). Alguém assim quis, ou correu atrás desta promessa? Não! Conclui-se que a promessa não depende de quem quer ou de quem corre, mas de Deus, que se compadeceu da humanidade (Rm 9:16).

Quando Deus disse a Moisés, que tem misericórdia de quem Ele tiver, Moisés estava querendo e correndo atrás do perdão de Israel. Ora, Moisés não alcançou a misericórdia de Deus para o povo de Israel, pois todos que saíram do Egito, exceto dois, morreram no deserto. Não dependia de Moisés querer ou correr, mas de Deus, que tem misericórdia dos que O amam.

O capítulo 9, de Romanos, foi escrito para demonstrar que a palavra de Deus não falha, mas por má leitura, utilizam-no para endossar doutrinas que não tem por base a fé, que foi dada aos santos.

De cinco termos bíblicos que analisamos: fé, crença, misericórdia, amor e conhecimento, percebe-se que a doutrina anunciada pelo Dr. Pink é resultado de má leitura e de má compreensão de alguns termos, ou, de algumas figuras de linguagem, quando empregadas nas Escrituras.

[1] O livro “A Soberania de Deus”, de Arthur Pink foi traduzido para o português e publicado pela Editora Fiel, com o título “Deus é Soberano”, contudo, não consta na versão brasileira o capítulo sobre “A Soberania de Deus na Reprovação”.

[2] *“Ele concede o dom da fé para que as pessoas possam crer. Deus dá esta fé só àqueles que Ele tem escolhido e sem dúvidas tem o direito de atuar como e quando quer neste assunto”* Pink A. W. Deus é Soberano, Tradução do espanhol para o português realizada por Daniela Raffo, 2007. Arquivo disponível na Web

< <http://cristaoreformado.com.br/2018/05/10/por-quem-morreu-cristo/?print=print> > Consulta realizada em 17/10/15.

[3] *“Metonímia ou transnomação é uma figura de linguagem que consiste no emprego de um termo por outro, dada a relação de semelhança entre o segundo e o termo entre as orações, ou a possibilidade de associação entre cinco ou mais figuras de linguagem destes. Por exemplo: “Palácio do Planalto” é usado como um metônimo (uma instância de metonímia) para representar a presidência do Brasil, por ser esse o nome do edifício do governo federal”* (Wikipédia).

Aprendendo o temor do Senhor

Temer ao Senhor não consiste em regras do tipo: “Não toques, não proves, não manuseies” (Cl 2:21), antes é obedece-Lo crendo que Jesus é o Cristo, pois este é o Seu mandamento, e obedecer tudo o que Jesus ordenou “E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento” (1Jo 3:23).

Aprendendo o temor do Senhor

“Vinde, meninos, e escutai-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor” (Sl 34:11)

Ensino do temor

O salmista Davi pelo Espírito Eterno fez o seguinte convite:

“Vinde, meninos, e escutai-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor” (Sl 34:11).

Na plenitude dos tempos Jesus diz:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.”

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11:29).

Somente aqueles que se sujeitam como servos tomando sobre si o jugo de Jesus estão aptos a aprender e encontrar descanso para a alma.

Quando Jesus se apresou aos filhos de Israel, deixou claro que as profecias, a lei e os salmos falavam acerca d’Ele. Os filhos de Israel continuamente examinavam as Escrituras, pois pensavam ter nelas vida eterna, porém, eram essas mesmas Escrituras que testificavam de Cristo e não perceberam, isto conforme o predito pelo Salmista: “Então disse: Eis aqui venho; no rolo do livro de mim está escrito” (Sl 40:7); “Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” (João 5 : 39); “E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos” (Lc 24:44).

Mas, o que Jesus ensinaria quando em meio aos filhos que Deus lhe concedeu? O temor do Senhor!

“Eis-me aqui a mim, e aos filhos que Deus me deu” (Hb 2:13 ; Is 8:18).

No que consiste o ‘temor do Senhor’ que Cristo ensinaria aos filhos (meninos) que Deus lhe deu? A Bíblia dá a resposta:

“O temor do SENHOR é limpo, e permanece eternamente;

os juízos do SENHOR são verdadeiros e justos juntamente” (Sl 19:9).

Através do paralelismo que há no Salmo 19, verso 9, conclui-se que o temor do Senhor é o mesmo que juízos, mandamentos, testemunho, lei, etc.

A Bíblia define o ‘temor’ do Senhor como ‘limpo’ e que ‘permanece para sempre’, o que remete à palavra de Deus, que é pura e permanece para sempre:

“Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre” (1Pd 1:23).

Ora, apesar de as Escrituras anunciarem que a palavra de Deus é o princípio da sabedoria, há quem define o ‘temor do Senhor’ segundo uma concepção própria e

ignora a ênfase que o paralelismo na poesia hebraica evidencia.

O profeta Jeremias vaticinou em nome do Senhor: “**Porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim**” (Jr 32:40), e o Salmista destaca a mesma verdade dizendo: “**Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti**” (Sl 119:11), tais versos demonstram efetivamente que ‘temor’ é o mesmo que a ‘palavra’, a ‘doutrina’ de Deus.

Temor é diferente de horror

Considerando as Escrituras, não posso aceitar que o temor do Senhor é o expresso por A. W. Pink:

“Deus está tão acima de nós que o simples pensamento de Sua majestade nos deveria fazer estremecer. O Seu poder é tão grande que a percepção dele deveria aterrorizar-nos. E Ele é tão inefavelmente Santo, e Seu ódio ao pecado é tão infinito, que o próprio pensamento de atos errados nos deveria encher de horror” Pink. A. W. Enriquecendo-se com a Bíblia, São Paulo: Editora Fiel, 1973.

Deus estabeleceu o amor como base do seu relacionamento com os homens quando entregou o seu único Filho. Como seria possível Deus estabelecer o horror à sua majestade como base de um relacionamento em que o homem necessita confiar n’Ele?

Os homens são ímpios não por não possuírem uma percepção[1] da grandeza de Deus, ou porque não se preocupam com Ele. Os homens são ímpios porque não obedecem a palavra de Deus. Ora, os céus anunciam a glória de Deus (Sl 19:1), e seu eterno poder e sua divindade se entendem e se veem pelas coisas criadas (Rm 1:20), ou seja, pela natureza é possível ao ímpio uma percepção da grandeza de Deus, no entanto, para salvação é imprescindível que o homem O obedeça.

Os judeus possuíam uma percepção de Deus e até tinham zelo de Deus, porém, não tinham o conhecimento necessário para agradá-Lo (Rm 10:2),

A. W. Tozer escreveu que “... *ninguém pode conhecer a verdadeira graça de Deus, se antes não conhecer o temor de Deus*”, no entanto, é justamente o contrário: é

no temor do Senhor que a graça de Deus é revelada.

Outra frase perigosa diz: *“Aquele que sabe o que é ter prazer em Deus temerá sua perda. Aquele que viu sua face, terá medo de suas costas”* Richard Alleine. Se o crente tem prazer em Deus, nunca terá medo, pois sabe que nada poderá separá-lo de Cristo e do amor de Deus (Rm 8:35 -39).

‘Temor’ e ‘temer’ não possuem conotação de medo[2], antes o ‘temor’ refere-se a doutrina de Deus e o ‘temer’ a obediência que lhe é devida. Dizer que o crente não pode ‘temer’ o inimigo porque o ‘temor’ é devido a Deus, é dizer que o ‘medo’ e o ‘temor’ são equivalentes. É admitir que se deve ter medo de Deus. Ao confundir ‘temor’ com ‘medo’ evocam o medo sórdido de Deus, sob a alegação de que Ele é soberano ou porque desconhece os seus desígnios.

Temer ao Senhor não consiste em regras do tipo: *“Não toques, não proves, não manuseies”* (Cl 2:21), antes é obedece-Lo crendo que Jesus é o Cristo, pois este é o Seu mandamento, e obedecer tudo o que Jesus ordenou *“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento”* (1Jo 3:23).

Ora, o temor a Deus não é dogmatismo religioso, antes o temor a Deus é o que nos torna fiéis[3]. Permanecer no mandamento de Deus é o que torna o homem fiel, ou seja, perseverar até o fim crendo em Cristo.

O que se observa em muitos ensinamentos é que se deve ter medo de Deus, e por fim, apelam para um argumento sutil, mas falho: - *“O temor do Senhor não se trata do medo d’Ele, mas de uma reverência piedosa à Sua pessoa e aos Seus mandamentos”*[4], que destila medo nos cristãos.

Amados, ouçamos a recomendação do Pregador:

“De tudo o que se tem ouvido, a suma é:

Teme a Deus, e

guarda os seus mandamentos;

porque isto é o dever de todo homem” (Ec 12:13).

A construção da ideia utiliza paralelismo, de modo que ‘teme a Deus’ é

equivalente a 'guardar os seus mandamentos', o dever de todos os homens!

Ora, o mandamento do Senhor não é penoso, e o apóstolo amado evoca a lei mosaica para declarar esta verdade no advento da Nova Aliança:

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” (1Jo 5:3);

“Ora, este mandamento, que hoje te ordeno, não te é difícil demais, nem está longe de ti” (Dt 30:11).

O apóstolo Paulo cita aos cristãos de Éfeso essa passagem de Deuteronômio demonstrando que não é necessário subir aos céus e nem descer ao abismo para alcançar a justiça da fé, pois a palavra está junto de nós, no coração: e a palavra é Cristo.

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento” (1Jo 3:23);

“Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, a trazer do alto a Cristo.) Ou: Quem descerá ao abismo? (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo.) Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação” (Rm 10:6 -10).

Quem obedece (teme) a Deus não tem medo (receio), antes aquele que teme (obedece) lança fora o temor (receio), pois o temor (receio) decorre da pena, e o que teme (tem receio) não é obediente (1Jo 4:18).

Não podemos confundir 'temor' a Deus com medo de Deus. A ordem para o povo de Deus é não ter medo: “E disse Moisés ao povo: Não temais, Deus veio para vos provar, e para que o seu temor esteja diante de vós, afim de que não pequeis” (Êx 20:20).

Quando Deus revela a sua palavra (temor), o objetivo é para que não pequemos “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti” (Sl 119:11).

Para saber mais: [Temor e tremor](#)

[1] *“Esses homens não têm qualquer percepção acerca da majestade de Deus, não tem nenhuma preocupação com a Sua autoridade, não tem qualquer respeito pelos Seus mandamentos, não se alarmam ante o fato de que Ele os julgará”* Pink. A. W. Enriquecendo-se com a Bíblia, São Paulo: Editora Fiel, 1973.

[2] Cândido, Levi. Aprendendo o temor do Senhor, artigo disponível na Web < <http://filhovalho.blogspot.com.br/2008/11/aprendendo-o-temor-do-senhor-levi.html> > Consulta realizada em 16/06/2015.

[3] *“O temor reverente de Deus é a chave para a fidelidade em qualquer situação”* Redpath, Alan.

[4] *“Muitos têm a tendência de minimizar o temor de Deus dos crentes a apenas “respeito” por Ele. Embora respeito faça parte do conceito, temer a Deus na verdade significa mais do que isso. O bíblico temor de Deus, para o crente, inclui a compreensão do quanto Deus odeia o pecado, assim como temer Seu julgamento do pecado – mesmo na vida de um crente. Hebreus 12:5-11 descreve a disciplina de Deus na vida de um crente. Embora sua disciplina seja feita em amor (Hebreus 12:6), ainda é algo atemorizante. Quando crianças, o medo da disciplina de nossos pais preveniu, assim esperamos, algumas ações perversas. Assim também deve ser com o nosso relacionamento com Deus. Devemos temer Sua disciplina e, portanto, procurar viver nossas vidas de uma forma que O agrade”* O que significa ter temor a Deus? Artigo disponível na web < <https://www.gotquestions.org/Portugues/temor-de-Deus.html> > consulta realizada em 22/06/15.